



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ- UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS- CSHNB

LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ANA BEATRIZ DE MATOS

OS PICOS DE BELO HORIZONTE QUE EU VOU ALCANÇAR!

História e Memória do bairro Boa Vista na cidade de Picos-PI (década de 1980)

Picos/PI
2015

ANA BEATRIZ DE MATOS

OS PICOS DE BELO HORIZONTE QUE EU VOU ALCANÇAR!

História e Memória do bairro Boa Vista na cidade de Picos-PI (década de 1980)

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos

Picos/PI
2015

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

M4336p Matos, Ana Beatriz de.

Os picos de belo horizonte que eu vou alcançar!: história e memória do bairro Boa Vista na cidade de Picos-PI, [década de 80] / Ana Beatriz de Matos. – 2015.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (55f.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2015.

Orientador: Prof. Me. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

1. Boa Vista-Bairro. 2. Picos-Piauí-Urbanização. 3. Picos-Memória Urbana. I. Título.

CDD 981.8122

ANA BEATRIZ DE MATOS

OS PICOS DE BELO HORIZONTE QUE EU VOU ALCANÇAR!

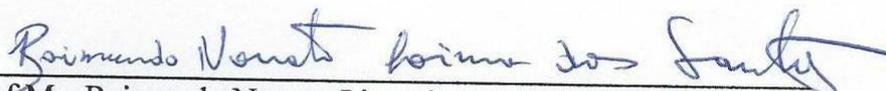
História e Memória do bairro Boa Vista na cidade de Picos-PI (década de 1980)

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

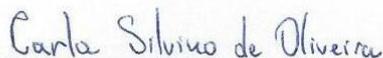
Orientador: Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos

Aprovada em 01/07/2015

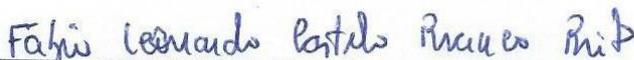
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos (Orientador)
Universidade Federal do Piauí



Prof. Ms. Carla Silvino de Oliveira – Examinadora
Universidade Federal do Piauí



Prof. Ms. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito – Examinador
Universidade Federal do Piauí

A Deus que em sua infinita bondade me permitiu a conquista dessa graça, a realização desse sonho. Aos meus pais, minhas irmãs e amigos que me incentivaram e me apoiaram nessa jornada.

AGRADECIMENTOS

É com imensa alegria que chego ao final de uma etapa tão árdua em minha vida. A felicidade de concretizar este sonho é imensa, indescritível. Agradeço sobretudo a Deus por ter me proporcionado a coragem necessária para vencer esta caminhada, que é longa, porém muito gratificante. Obrigada, Senhor Deus, por me conceder mais esta vitória e muitas que ainda virão. Não foi nada fácil chegar até aqui, passei por dificuldades, obstáculos, mas consegui superá-los!

Agradeço aos meus pais, Geraldo e Luíza, pelo apoio e incentivo que me deram sempre, esta vitória também é deles, pois, incentivando-me, nunca me deixaram desistir diante dos obstáculos. Muito obrigada, por sempre me ensinarem a trilhar o caminho correto.

Agradeço a minha irmã Ana Patrícia, e seu esposo Cícero, pelo exemplo de família e por eu ser tia da pequena Maria Tayná, obrigada pelo apoio de vocês. Obrigada, minha irmã Conceição, pelo companheirismo e incentivo.

Agradeço a toda a minha família, pelo amor, o carinho, e o companheirismo em todos os momentos. Agradeço a minha avó Martina, pela dedicação, principalmente quando eu era apenas uma criança; ao meu avô João, pelo carinho, e a minha tia Jacinta (*in memoriam*), pelo exemplo de mulher e filha, nunca esquecerei sua dedicação, ao cuidar da minha avó Martina.

Aos meus entrevistados, Antônia Alves, Geraldo Joaquim, Raimundo Nonato, Gilberto de Oliveira e Paulo Santana, muito obrigada, pelo acolhimento e confiança em compartilhar comigo suas falas e memórias tão ricas e importantes para o bom desenrolar desta escrita. Aos amigos, Antônio Santana e Júlio Lopes, pelo apoio durante esta pesquisa.

A todos os meus amigos e amigas, em especial aqueles com os quais pude partilhar as descobertas, aprendizados e conquistas durante este curso de graduação. Agradeço, portanto, a todos da turma de História 2011.1. Obrigada, por tornarem esta caminhada mais alegre e satisfatória, em especial, Aline, Adalgisa e Evaldo, amigos inseparáveis, e Maria Karolina, pela amizade, que foi crescendo durante o curso e nas nossas tarefas de comissão de formatura.

Agradeço, em especial, ao Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos, orientador deste trabalho. Obrigada, por sua dedicação, competência, disponibilidade e amizade. Muito Obrigada por ter-me ajudado nessa conquista!

Ao Robson Lima, pela dedicação durante a minha rápida passagem (mas não menos importante) pelo Grupo TEMPUS – Teatro Experimental Universitário, em Estudos Históricos – onde eu pude vivenciar a magia do teatro na minha vida.

Aos meus professores desde os tempos de criança, assim como os da UFPI, Campus de Picos, agradeço pela paciência, ensinamentos e orientações nos momentos de dificuldades. Agradeço aos professores Gleison Monteiro e Ana Paula Cantelli Castro, que me acompanharam na minha experiência enquanto pibidiana e nos momentos iniciais desta pesquisa. Agradeço à CAPES, pela concessão da bolsa PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

Enfim, a todos que acreditaram em mim e que contribuíram com essa importante conquista em minha vida, meus sinceros agradecimentos. Muito obrigada!

O Bairro Boa Vista

Foi nos Picos do Belo Horizonte,
Que encontrei o bairro Boa Vista,
Onde têm a dona de casa e o artista,
E uma divisão, que chama a atenção,
Dois morros, o boa vista e o belo horizonte,
Onde as crianças brincam de esconde-esconde,
Lá eu nasci e cresci,
Brincando de amarelinha com o giz,
Mas têm gente que quer ser juiz,
E julgar o lugar onde sou feliz,
Encontrando defeitos no bairro, onde sou um eterno aprendiz,
Boa Vista e Belo Horizonte, uma visão deslumbrante,
Que convida você e eu para observá-los nem que seja por um instante,
E encontrar lá as coisas mais importantes,
Como a simplicidade e pessoas com um coração gigante,
Acolhedoras e trabalhadoras,
Que rezam e fazem até promessa,
Para a vida não passar de pressa,
E assim poderem ficar em um bairro que é uma eterna festa!!
(Ana Beatriz de Matos – 2014)

RESUMO

O trabalho analisa as práticas cotidianas dos moradores do bairro Boa Vista, da cidade de Picos, na década de 1980, por meio da história e memória dos seus moradores, fazendo um paralelo com o bairro na atualidade. Tem como base a pesquisa em fontes orais, mapas, fotografias e jornais. Para embasamento teórico, se fizeram presentes autores como Raquel Rolnik (1995), Sandra Jatahy Pesavento (2007) e Michel de Certeau (2008), dentre outros. O foco central da pesquisa consiste em entender as práticas cotidianas dos moradores nesse período, para compreender como esses habitantes vivem e convivem no bairro. Assim, identificou-se o bairro Boa Vista, da cidade de Picos de 1980, como um espaço físico de convivência, de relações pessoais e troca de experiências, sendo este um espaço urbano fragmentado, articulado e particularizado por seus habitantes.

Palavras-Chave: Bairro. Boa Vista. Práticas Cotidianas. Espaço. Picos.

ABSTRACT

The paper analyzes the daily practices of the residents of the Boa Vista neighborhood, the city of Picos, in the 1980s through the history and memory of its residents, making a parallel with the neighborhood in atualidade. Tem based research on oral sources, maps, photographs and newspapers. For theoretical foundation became present authors like Raquel Rolnik (1995), Sandra JatahyPesavento (2007), and Michel Certau (2008), among others. The central focus of the research is to understand the daily practices of the residents in this period to understand how these people live and live in the neighborhood. Thus identified the Boa Vista neighborhood, the 1980 Picos de city as a physical space of coexistence, personal relationships and exchange of experiences, which is an urban space fragmented, articulated and individualized by its inhabitants.

Keywords: Subdivision. Good View. Living practices. Space. Peaks.

LISTA DE IMAGENS

Figura 01: Mapa do Bairro Boa Vista da cidade de Picos-PI em 01/12/2014.....	17
Figura 02: Rua Antônio Viana em 06/10/2014	19
Figura 03: Bar e Peixaria Santos, na Avenida Isabel Carvalho em 06/10/2014.....	19
Figura 04: Escola Municipal Timóteo Borges de Aguiar, na Rua Zeca Timóteo em 06/10/2014	20
Figura 05: Posto de Saúde do Bairro Boa Vista na Rua José da Costa em 06/10/2014.....	20
Figura 06: Visão na Travessa Montreal, morro Boa Vista	21
Figura 07: Primeira Igreja do bairro Boa Vista, lado a lado com a atual Igreja São João Batista.....	22
Figura 08: Mercadinho Lima, localizado na Rua Castro Alves, em 06/10/2014	23
Figura 09: Centro Federal de Educação Infantil, em 06/10/2014.....	24
Figura 10: Soverteria Bom Sucesso/ Confeções 3D, na Rua Belo Horizonte, em 06/10/2014	25
Figura 11: Ladeira da Rua São Raimundo, no morro Belo Horizonte, em 06/10/2014	25
Figura 12: Ladeira sem calçamento, na Avenida Quatro de Julho, no morro Belo Horizonte, em 06/10/2014	26
Figura 13: Ponte Eulálio Damasceno sobre o Rio Guaribas, localizada no bairro Passagem das Pedras, em 25/11/2014	35
Figura 14: Paulo Francisco de Moura Santa discursando na cerimônia de posse como Presidente da Associação de Moradores do Bairro Boa Vista, Gestão de 1990	39
Figura 15: Mutirão organizado pelos moradores, para melhorar o acesso à ladeira na Avenida Isabel Carvalho, bairro Boa Vista, década de 1990	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAP. 1 – A FORMAÇÃO DO BAIRRO BOA VISTA: Processo de urbanização	16
1.1 O bairro Boa Vista hoje	16
1.2 A história e memória do bairro Boa Vista.....	26
CAP. 2 – AS PRÁTICAS COTIDIANAS DOS MORADORES DO BAIRRO BOA VISTA NA DÉCADA DE 1980	38
2.1 A fundação da Associação de Moradores do bairro Boa Vista	38
2.2 A saúde pública e a educação no bairro Boa Vista.....	42
2.3As brincadeiras de crianças e os lazeres no bairro	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54

INTRODUÇÃO

Passeando pela cidade de Picos, conhecida como a *capital do mel*, podemos perceber a diversidade de gentes que existe por aqui. Gentes faceiras, alegres, trabalhadoras, onde os ponteiros do relógio da *Igreja Matriz* não param, e indicam que é necessário trabalhar, estudar, resolver muitos compromissos. Uma cidade que, pela manhã, já começa a expor suas especialidades presentes na *feira livre* e no *mercado municipal*. Então, percebemos uma *cidade escrita* ao olharmos as placas e sinalizações para atravessarmos a rua, através das fachadas das lojas e seus cartazes que nos convidam, venha, compre! eis aqui uma grande liquidação!

Os anúncios, as vozes, os barulhos dos carros, das motos, nos despertam para ouvir a *música urbana*. No entanto, mesmo com a correria cotidiana dos habitantes dessa *urbe*, vimos a necessidade de se fazer um estudo detalhado dessa cidade, que nos acolhe com grande euforia, mas percebemos que existem tantas outras cidades, pois “as cidades reais, concretas, visuais, tácteis, consumidas e usadas no dia-a-dia, correspondem outras tantas cidades imaginárias” (PESAVENTO, 2007.p.11). Assim, cada habitante da cidade, que é absorvido por ela e se absorve dela, cria uma cidade para si, própria e particular onde encontra inúmeras vivências coletivas e particulares. Então, ao *caminharmos* pelas ruas e avenidas de Picos, estamos escrevendo a nossa trajetória através de nossos passos.

Nessa caminhada, encontramos alguns casarões, observamos através de sua arquitetura histórica uma *cidade escrita* que, em meio à modernização, se tornará *fantasma* para cidade, mas quando isso ocorrer, as ruínas desses casarões não deixarão seu passado morrer, e essa cidade estará presente na mente e no coração dos habitantes que nela vivem.

Com o objetivo de aprofundar e facilitar o nosso entendimento sobre essas cidades *visíveis, sensíveis, imaginárias*, delimitamos a nossa pesquisa no tempo e no espaço. Nesse momento nos apareceu o bairro que é um espaço urbano simultaneamente *fragmentado e articulado*, local onde ocorrem as vivências espaciais, comerciais, sociais e afetivas, sendo que o bairro é um fragmento da cidade, onde

Cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda que de intensidade muito variável. Estas relações manifestam-se empiricamente através de fluxos de veículos e de pessoas associados às operações de carga e descarga de mercadorias, aos deslocamentos quotidianos entre as áreas residenciais e os diversos locais de trabalho, aos deslocamentos menos frequentes para compras no centro da cidade ou nas lojas do bairro, às visitas aos parentes e amigos, e às idas ao cinema, culto religioso, praia e parques. (CÔRREA, 2000, p. 7).

Delimitamos a nossa pesquisa a partir do bairro Boa Vista, também por uma justificativa pessoal, pois esse é o lugar no qual moramos desde a nossa infância, que nos faz lembrar as brincadeiras com os amigos, as conversas com os vizinhos, as relações de amizades que foram sendo construídas no decorrer dos anos, as vivências familiares, já que vemos o bairro Boa Vista como sendo um lugar marcante em nossas vidas. Portanto, justifica a nossa escolha pela temática, pois, segundo Michel de Certeau (2008), é nesse momento primitivo de nossa infância que praticamos o espaço, ao praticarmos nós vivenciamos o local que ganha significado para nós, o espaço se torna lugar, passamos a viver e não apenas a morar, se torna enfim um ambiente familiar, e escolhido por nós para ser trabalhado.

O bairro Boa Vista recebeu esse nome por possuir dos morros, o Boa Vista e o Belo Horizonte, onde, ao subirmos as ladeiras, podemos ter uma boa visualização da cidade de Picos. Em sua trajetória possui a problemática de um bairro considerado periférico, onde moram pessoas pobres, sem nenhuma instrução educacional, caracterizado como um bairro distante e de difícil acesso.

O nosso recorte temporal (a década de 1980) ocorreu pelo fato de que o bairro Boa Vista, nessa década, estava em processo de formação, e foi nesse período que ocorreram mudanças significativas no bairro de *ontem* que faz diferença no bairro de *hoje*. São essas mudanças, que se fazem presentes na memória de seus moradores através de suas práticas cotidianas, que problematizamos para compor a história do Bairro Boa Vista, utilizando também a disponibilidade de fontes orais.

Em nossa pesquisa almejamos discutir as práticas cotidianas dos moradores do bairro Boa Vista, da cidade de Picos, estado Piauí, na década de 1980, através da história e memória de seus moradores, tendo como base a pesquisa em fontes orais, mapas, e fotografias. O foco central da pesquisa consistiu em entender as práticas cotidianas dos habitantes do bairro no que se refere ao processo de formação do mesmo. Analisamos a mobilização particular dos moradores do Boa Vista para conseguirem benefícios para o bairro, sendo que, na década de 1980 – tendo como referência o livro *As cidades de Clio: abordagens históricas sobre o urbano*, organizado por Raimundo Nonato Lima dos Santos (2014) – muitos bairros da cidade não possuíam água encanada, luz elétrica, asfalto nas ruas, posto de saúde, escola, espaços de lazer. Verificamos as rupturas e permanências dessas práticas cotidianas, e as ações do poder público frente às reivindicações dos moradores.

Analisamos a cidade, a partir de seu principal sujeito histórico, o morador, e voltamos ao bairro que se revela como o ambiente mais adequado à pesquisa das práticas cotidianas dos usuários da cidade. Segundo Michel de Certeau (2008), ao caminharmos pela cidade

escrevemos nela através de nossos passos, somos autores da nossa cidade, e enquanto sujeitos ordinários subvertemos a ordem ao caminhar de diferentes formas e usar de diferentes modos a cidade. Ao ressignificarmos a cada passo dado, ao fazer da nossa forma, ainda que nos mandem fazer de outra, ao pular uma janela, ao andar em um local proibido, escrevemos nossa história, ainda que não consigamos lê-la.

Verificamos as rupturas e permanências das práticas cotidianas dos moradores, e analisamos se o poder público atendeu as reivindicações dos moradores sobre as melhorias estruturais para o bairro Boa Vista. Utilizamos autores que possuem o mesmo objeto de estudo, a cidade, o espaço urbano, e as transformações que ocorrem nesse espaço a partir do cotidiano de seus habitantes.

Constou na nossa pesquisa a realização de entrevistas com os primeiros moradores, para então compreendermos as práticas cotidianas vivenciadas no processo de urbanização do bairro Boa Vista, sendo que, ao analisarmos essas fontes orais, entendemos que “a memória coletiva constitui-se de lembranças comuns às pessoas, sobre determinado assunto, as quais recordam individualmente de forma singular, enquanto membros de um grupo” (SANTOS, 2007).

A escrita do nosso trabalho foi orientada por alguns questionamentos. Sendo eles: Como ocorreu o processo de formação do bairro Boa Vista na cidade de Picos? Quais foram os participantes desse processo? Quais as práticas cotidianas desses primeiros moradores? Foi com base nesses questionamentos, entre outros, que se construiu esse texto monográfico estruturado em dois capítulos.

No primeiro capítulo – **A formação do bairro Boa Vista: Processo de urbanização** – realizamos uma abordagem sobre o bairro Boa Vista, na atualidade, por meio da observação dos dois morros – o Boa Vista e o Belo Horizonte. Nessa flânerie, *à la Baudelaire e Benjamin*, percebemos as vivências cotidianas desses moradores, no intuito de captarmos os vestígios do passado nesse presente, para assim seguirmos as pistas que nos conduziriam ao processo de formação do bairro e de sua urbanização. Essa errância investigativa nos fez entender que os primeiros moradores do bairro Boa Vista foram em busca de melhorias estruturais; reivindicaram do poder público municipal a urbanização do bairro, que na década de 1980 ainda possuía traços rurais. Portanto, esse primeiro capítulo discute a mobilização dos moradores do bairro Boa Vista para conseguirem melhorias urbanas, como água encanada e energia elétrica. Desse sentimento de mobilização formaram-se dois Grupos Eclesiais de Base, da Igreja Católica – os Seguidores de Jesus e o São Mateus – que, juntos, construíram um Salão Paroquial, que posteriormente veio a ser a primeira igreja do bairro Boa Vista.

No segundo capítulo – **As práticas cotidianas dos moradores do bairro Boa Vista, na década de 1980** – realizamos uma abordagem sobre a fundação da Associação de Moradores do Bairro Boa Vista, discutindo vários aspectos, como a formação de lideranças; a mobilização para conseguirem benefícios para o bairro; e a realização de festas beneficentes para ajudar famílias carentes. Discutimos também a crise ocorrida nas associações de moradores na década de 1990 e as dificuldades atuais para engajarem os moradores em suas atividades. Paralelo a essa questão associativa, discutimos as práticas cotidianas desses moradores em aspectos relacionados à saúde, educação e lazer.

CAPÍTULO 1

A FORMAÇÃO DO BAIRRO BOA VISTA: Processo de urbanização

1.1 O bairro Boa Vista hoje

A inquietação de analisar algo relacionado à cidade de Picos fez-me perceber o lugar que me acolhe, não somente como uma historiadora inquieta, com questionamentos em busca de respostas, mas também como ser humano. O bairro Boa Vista é um lugar que me traz tantas recordações, pois sou moradora deste bairro desde a minha infância, *lá eu nasci e cresci brincando de amarelinha com o giz*. Neste pedaço da cidade fui escrevendo minha história, minha trajetória. É nesse bairro que eu convivo com minha família, com meus amigos. Todos os dias, as minhas caminhadas, os meus passos nesse bairro representam meus objetivos, meus sonhos. Subindo e descendo as ladeiras vejo o quanto esse bairro foi e é importante para a minha vida. A cada passo dado em busca de um *horizonte*, percebo que através do bairro Boa Vista estou alcançando meus objetivos acadêmicos e pessoais.

No entanto, o tema só foi definitivamente selecionado quando, no sétimo período desta graduação, foi solicitada a elaboração de um projeto de pesquisa, uma das etapas do Trabalho de Conclusão de Curso. Então, procurei exercitar o olhar e a criticidade de historiadora e fui caminhando, fazendo uma *flanerie*, observando cada detalhe do bairro Boa Vista de *hoje*, que também traz muitos significados do bairro de *ontem* através de sua arquitetura, ruas, traçado urbano, e através da história e memória de seus moradores.

Nesse capítulo temos o objetivo de apresentar as relações entre passado e presente tendo como referência o autor Marc Bloch (2001), que afirma não ser possível entender o presente sem estudar o passado, e também não é possível compreender o passado sem estudar o presente (quem conhece ambos sabe agir melhor sobre o presente). No *ofício do historiador*, a primeira condição para interpretar os documentos e formular corretamente os problemas é observar a paisagem do hoje. Bloch explica que o vínculo passado-presente é delineado através das trocas culturais com gerações anteriores, pela oralidade e pelos escritos e ocupam funções importantes nas transmissões de pensamento que fazem praticamente a continuidade de uma civilização. Então, a nossa proposta foi a de analisar as relações entre passado e presente, e perceber que ambos se completam.

O nosso objetivo nesse capítulo não é apresentar o bairro Boa Vista apenas com o seu traçado urbano, o que se modificou e o que continua na estrutura urbana durante esses anos, mas analisar as práticas cotidianas desses moradores, que desafios encontraram, se as

nomes de algumas pessoas que moraram no bairro, mas já faleceram. Segundo o depoente Raimundo Nonato de Carvalho,¹

Essas pessoas foram os primeiros moradores do bairro Boa Vista, importantes para a comunidade, como o Seu Horácio, que ajudou muito na igreja e na formação da Associação de Moradores, então como uma forma de homenageá-los decidimos colocar o nome deles em algumas ruas do bairro, mas foi preciso fazer uma reunião com a comunidade na Associação de Moradores para saber se os moradores atuais concordavam com essa decisão, aí então eles aceitaram, e as ruas estão aí com o nome desses primeiros moradores. (CARVALHO, 2014).

Começamos a nossa *flânerie* caminhando e observando as ruas do bairro Boa Vista, com o intuito de olhar, observar cada detalhe por opção e prazer de caminhar pelas ruas desse bairro tão familiar para nós. Pretendemos nos sentir nas ruas desse bairro como um novo *flâneur*, fazendo alusão ao verdadeiro “*flâneur*” da *Paris errante* de Walter Benjamin. Sendo que

A rua se torna moradia para o flâneur que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes. Para ele, os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são um adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura a óleo no salão do burguês; muros são a escrivaninha onde apoia o bloco de apontamentos; bancas de jornais são suas bibliotecas, e os terraços dos cafés, as sacadas de onde, após o trabalho, observa o ambiente. (BENJAMIN, 1989, p.35).

O nosso intuito não é só apresentar o bairro Boa Vista com suas ruas apenas no espaço físico, o traçado urbano, mas também mostrar as vivências cotidianas dos moradores desse referido bairro e os usos que eles fazem dos espaços e dessas ruas. A Rua Antônio Viana (ver figura 02), principalmente pela manhã, como escreveu a geógrafa Ana Fani Carlos (2007), tem o sentido de passagem, pois, pela manhã, podemos ver um grande fluxo de trabalhadores, que, meio acordados, meio sonolentos, se dirigem ao trabalho.

¹Raimundo Nonato de Carvalho mora no Bairro Boa Vista desde a década de 1980, Foi presidente da Associação de Moradores do Bairro Boa Vista, e é integrante do Conselho Comunitário da Igreja São João Batista. Atualmente Raimundo Nonato de Carvalho trabalha como vigilante.



Figura 02: Rua Antônio Viana em 06/10/2014.
Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Beatriz de Matos.

Nessa rua encontramos o salão de beleza Nilda Cabeleira & Cosméticos, frequentado praticamente todos os dias por mulheres e homens para tratamentos de beleza. Próximo a esse salão temos a Lanchonete da Dindá, que serve de ponto de encontro para os moradores lancharem e conversarem, principalmente à noite.

Na Avenida Isabel Carvalho encontramos o Bar e Peixaria Santos (ver figura 03), onde os moradores e visitantes se reúnem para conversar, se divertir, dançar, beber, assistir jogos de futebol, ouvir música, e degustar as comidas que são servidas, como exemplo a especialidade do bar e peixaria, o peixe assado. Essa movimentação é semanal, tendo maior fluxo de pessoas nos fins de semana.



Figura 03: Bar e Peixaria Santos, na Avenida Isabel Carvalho em 06/10/2014.
Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Beatriz de Matos.

Observamos no morro Boa Vista a Rua Zeca Timóteo, nessa rua encontramos a primeira escola do bairro, a Escola Municipal Timóteo Borges de Aguiar, que, no turno da manhã, o ensino é voltado para as crianças; à tarde, para os adolescentes; e à noite, estudam jovens, e adultos. A maioria dos estudantes dessa escola é do bairro Boa Vista, mas esta atende estudantes de outros bairros.



Figura 04: Escola Municipal Timóteo Borges de Aguiar na Rua Zeca Timóteo em 06/10/2014.
Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Beatriz de Matos.

Na Rua José da Costa há uma sede própria da Unidade Básica de Saúde Boa Vista, (ver figura 05), pois, até o começo desse ano, o bairro Passagem das Pedras e o bairro Boa Vista dividiam o mesmo Posto de Saúde. Então, com a inauguração desse Posto de Saúde no bairro, espera-se que diminuam as filas, causadas por essa junção, e que essas pessoas possam ter um acompanhamento médico de qualidade. No final dessa rua existe uma ladeira com calçamento e uma escada de cimento para melhor subida das pessoas.



Figura 05: Posto de Saúde do Bairro Boa Vista na Rua José da Costa, em 06/10/2014.
Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Beatriz de Matos.

No morro Boa Vista, encontramos a Travessa Montreal, nesse ponto temos uma visão geral da cidade de Picos. Como fez Michel de Certau no alto das Torres Gêmeas, em Nova York nos Estados Unidos, em suas *Caminhadas pela cidade*, lá do alto paramos, observamos e exercitamos o *olhar panóptico*. Certau escreveu que:

Subir até o alto do World Trade Center é o mesmo que ser arrebatado até o domínio da cidade. O corpo não está mais enlaçado pelas ruas que o fazem rodar e girar segundo uma lei anônima; nem possuído, jogador ou jogado, pelo rumor de tantas diferenças e pelo nervosismo do tráfego nova-iorquino. Aquele que sobe até lá no alto foge à massa que carrega e tritura em si mesma toda identidade de autores ou espectadores. (CERTAU, 2008, p.158).

Mesmo sendo cidades e espaços diferentes, o que nos chama a atenção para fazer essa referência é a observação, visão do alto, que nos associa ao *olhar panóptico* de Michel de Certau em Nova York, no alto do World Trade Center.



Figura 06: Visão na Travessa Montreal no morro Boa Vista, em 06/10/2014.
Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Beatriz de Matos.

Na Rua Antônio Costa, localizamos a primeira igreja do bairro Boa Vista, (ver figura 07), onde, nas décadas de 1980 a 1990, ainda inconcluso funcionava um Salão Paroquial, depois de concluído passaram a realizar missas e reuniões. Atualmente é utilizada apenas para fazer reuniões. E a atual Igreja São João Batista foi inaugurada no ano de 2012, ao lado da antiga igreja.



Figura 07: Primeira Igreja do bairro Boa Vista lado a lado com a atual Igreja São João Batista, inaugurada no ano de 2012. Em 06/10/2014.

Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Beatriz de Matos.

Descendo as ladeiras do bairro Boa Vista encontramos a Rua Castro Alves, que já é asfaltada e possui casas que variam desde as mais simples até as mais estruturadas, temos o Mercadinho Lima (ver figura 08), onde alguns moradores do bairro fazem suas compras, percebemos que ainda predominam práticas da década de 1980, como a de fazer as compras e deixar no “fiado”. Os donos do mercadinho anotam em um caderno o nome daqueles que deixaram as contas para pagar depois. Essa prática ainda é comum, já que se trata de moradores do mesmo bairro, então existe entre eles uma espécie de confiança.

Segundo o depoimento de Raimundo Nonato de Carvalho (2015), a economia no bairro Boa Vista na década de 1980 era lenta, existiam algumas bodegas e uma padaria pequena. O nosso entrevistado era um dos bodegueiros no bairro e relata que predominavam as compras no fiado, com essa prática ele disse ter tido muito prejuízo, mas entende que a situação financeira das pessoas era muito complicada, passavam dificuldades.

Na verdade existia as bodegas, né? E o pessoal compravam muito e padarias também. Existiu uma também aqui, uma que tinha hoje em dia não tem mais, existia nos anos 80, tinha uma padaria que era do nosso amigo Messias, infelizmente naquela época a dificuldade era muito grande, sabe? As pessoas que vendiam fiado tinha muita dificuldade pra receber. Eu mesmo sou desses (risos), sou uma dessas pessoas que vendia e perdi tudo o que eu tinha vendendo fiado pra pessoas... Infelizmente naquela época era difícil, não tinha trabalho, não tinha nada, as pessoas não tinham condição, nem culpa as pessoas por isso, é porque infelizmente não tinha mesmo a condição de pagar! E naquele tempo existia muito essa questão da confiança, a gente confia, a gente sempre confia, infelizmente é como eu tô lhe dizendo, não era maldade das pessoas, não era porque as pessoas era mal, é porque não tinha mesmo como pagar, não tinha! E precisava comer! Né? e aí muitas vezes o

bodegueiro se ferrava nisso aí, mais... Naquela época de bodegueiro lembro de mim, lembro de Crispim também que era uma pessoa que tinha um comerciozinho aqui na Boa Vista, tinha a padaria, aqui que era de Messiinha, né? Depois chegou seu Elísio que já chegou mais ou menos naquela época, era mais ou menos esse pessoal aí que tinha esses comércios aqui no bairro. (CARVALHO, 2015).

Observamos que os moradores do bairro Boa Vista frequentam o Mercadinho Lima, não apenas para fazer as compras, mas também porque este é visto como um espaço para se socializarem, conversarem, tomarem cerveja no fim de semana, debaterem os mais diversos assuntos, entre eles os problemas e melhorias do bairro, conversam sobre política, religião, etc. É um espaço onde encontram os vizinhos e os familiares para conversarem, entre uma compra e outra.



Figura 08: Mercadinho Lima localizado na Rua Castro Alves, em 06/10/2014.
Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Beatriz de Matos.

Seguindo o nosso trajeto em direção ao morro Belo Horizonte, encontramos a Rua João Martinho Leal, que é afastada e tem um Centro Federal de Educação Infantil, ainda inconcluso (ver figura 09), que tem como proposta atender a demanda educacional, principalmente matriculando as crianças do bairro, ofertando um ensino de qualidade para as crianças, mas, até o momento, esse Centro de Educação Infantil não foi inaugurado. Encontramos também nessa rua a Igreja Evangélica Congregação Cristã do Brasil e o Mercadinho Macêdo.



Figura 09: Centro Federal de Educação Infantil, em 06/10/2014.

Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Beatriz de Matos.

Já a Rua Belo Horizonte não possui calçamento, tem muita poeira, e quando chove os moradores do morro Belo Horizonte sentem dificuldades para passar por essa rua, pois esta fica escorregadia devido a lama. Vimos a Soverteria Bom Sucesso/ Confecções 3D (ver figura 10). Os donos dessa sorveteria têm o hábito de contratar, vez ou outra, cantadores (repentistas), de realizar serestas, rodas de viola, reisado. Essas práticas, geralmente rurais, são mantidas por esses moradores urbanos, que possuem hábitos campestres, como por exemplo, criar bois, vacas, porcos e galinhas no espaço da cidade, no bairro Boa Vista.

Então, percebemos que, com essas práticas, esses moradores procuram manter um ethos rural diferente do *ethos urbano*, que Sandra Jatahy Pesavento analisou do seguinte modo:

Mas, sobretudo, a cidade foi, desde cedo, reduto de uma nova sensibilidade. Ser cidadão, portar um *ethos urbano*, pertencer a uma cidade implicou formas, sempre renovadas ao longo do tempo, de representar essa cidade, fosse pela palavra, escrita ou falada, fosse pela música, em melodias e canções que a celebravam, fosse pelas imagens, desenhadas, projetadas, que a representavam, no todo ou em parte, fosse ainda pelas práticas cotidianas, pelos rituais e pelos códigos de civilidade presentes naqueles que a habitavam. (PESAVENTO, 2007, p.11).



Figura 10: Soverteria Bom Sucesso/ Confeccões 3D na Rua Belo Horizonte, em 06/10/2014.
Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Beatriz de Matos.

No morro Belo Horizonte, encontramos algumas casas de taipa, em um local de difícil acesso. Na Rua São Raimundo há uma ladeira com calçamento (ver figura 11), sendo esta a melhor, por onde as pessoas sobem e descem com carros e motos. Localizamos o Bar do Seu Luís, um ponto de encontro que os moradores do Belo Horizonte utilizam para conversar, beber, jogar sinuca e ouvir música.



Figura 11: Ladeira da Rua São Raimundo no morro Belo Horizonte em 06/10/2014.
Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Beatriz de Matos.

Em contrapartida, na Avenida Quatro de Julho, localizamos uma ladeira sem calçamento (ver figura 12), de difícil acesso, onde não sobem carros, e nessa avenida há dois terrenos baldios e duas casas em área de risco.



Figura 12: Ladeira sem calçamento na Avenida Quatro de Julho no morro Belo Horizonte, em 06/10/2014.
Fonte: Arquivo Pessoal de Ana Beatriz de Matos.

A princípio, o que podemos constatar na observação feita no morro Boa Vista e Belo Horizonte é que, apesar de os dois terem casas nos respectivos topos, de difícil acesso, o morro Boa Vista se encontra melhor estruturado do que o Belo Horizonte, pois possui um maior número de ruas com calçamento, e espaços considerados importantes para o bairro, como por exemplo a Escola Municipal Timóteo Borges de Aguiar, a Unidade Básica de Saúde Boa Vista e a Igreja São João Batista.

Seguindo o acesso do morro Belo Horizonte, há um Centro Federal de Educação Infantil, ainda inconcluso. Constatamos que o bairro Boa Vista precisa de muitas melhorias, no momento possui obras inacabadas e outros problemas urbanos, como lixo espalhado pelas ruas, falta de iluminação pública, pois existem trechos do bairro que estão no escuro.

1.2 A história e memória do bairro Boa Vista

A história do bairro Boa Vista tem início a partir da compra e venda de terrenos, sendo os proprietários Antônio Martinho Leal e Pedro Maria Costa (conhecido como Pedro Mundinho). A partir dessa venda de terrenos começou o processo de povoamento do bairro, sendo que:

Os proprietários de terras atuam no sentido de obterem a maior renda fundiária de suas propriedades, interessando-se em que estas obtenham o uso que seja o mais remunerador possível, especialmente uso comercial ou residencial de *status*. Estão particularmente interessados na conversão da terra rural em terra urbana, ou seja, têm interesse na expansão do espaço da cidade na medida em que a terra urbana é mais valorizada que a rural. Isto significa que estão fundamentalmente interessados no valor de troca da terra e não no seu valor de uso. (CORRÊA, 2000, p.16).

A ocupação do solo brasileiro na década de 1980 não ocorreu apenas a partir da compra e venda de terrenos, como foi o caso do bairro Boa Vista na cidade de Picos. Houve outras formas de aquisição, como por exemplo, a invasão de terras. Sobre a questão fundiária no Brasil, nos anos 1980, o historiador José Murilo de Carvalho (2002) explica que houve frustrações – no que se refere à prática democrática – mas também claros avanços. Um dos avanços tem a ver com o surgimento do Movimento dos Sem Terra (MST). De alcance nacional, o MST representa a incorporação à vida política de parcela importante da população, tradicionalmente excluída pela força do latifúndio. Milhares de trabalhadores rurais se organizaram e pressionaram o governo em busca não só de terra para cultivar, mas também de financiamento de safras. Seus métodos, a invasão de terras públicas ou não cultivadas, tangenciavam a ilegalidade, mas tendo em vista a opressão secular de que foram vítimas e a extrema lentidão dos governos em resolver o problema agrário, podem ser considerados legítimos. O MST é o melhor exemplo de um grupo que, utilizando-se do direito de organização, força sua entrada na arena política, contribuindo assim para a democratização do sistema (CARVALHO, 2002).

No texto “Movimento dos Sem Terra: lições de Pedagogia”, a autora Roseli Salete Caldart (2003) explica que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST, foi criado formalmente no Primeiro Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra, que aconteceu de 21 a 24 de janeiro de 1984, em Cascavel, no estado do Paraná. Neste encontro foram definidos os seus objetivos, como o de lutar pela terra, pela Reforma Agrária e pela construção de uma sociedade mais justa, sem explorados nem exploradores. Desde a sua criação, o MST incluiu em sua agenda política a luta por escola e a discussão sobre que escola deveria fazer parte da vida da família Sem Terra.

Na história do bairro Boa Vista, em Picos, não encontramos nenhuma atividade do MST. No entanto, o espírito associativo e colaborativo deste movimento se fez presente nesta parte da cidade de Picos, como poderemos ver no segundo capítulo desta monografia, onde discutimos a fundação e atividades da Associação de Moradores do Bairro Boa Vista.

Em nossa pesquisa percebemos que a história do bairro Boa Vista tem início a partir da compra e venda de terrenos– como fora dito no início deste tópico. Segundo nossas fontes orais, a aquisição destes terrenos e a construção das primeiras casas ocorreram desde a década de 1980 e se estendeu pelo período seguinte. Em nossa errância investigativa, encontramos um documento, cedido por um de nossos depoentes, que aponta os detalhes desse tipo de transação econômica. O documento informa que consta no Cartório do 1º Ofício, no município de Picos, na década de 1990, a venda de um terreno mediano, no loteamento Boa Vista, localizado no Bairro Passagem das Pedras. O Adquirente foi Geraldo Joaquim de Matos, profissão: ajudante, casado com a senhora Luiza Antônia de Matos. E os transmitentes (proprietários) foram Pedro Maria Costa e sua mulher, Raimunda de Moura Costa, sendo que o valor desse terreno na época foi de Cr\$ 400.000,00 (quatrocentos mil cruzeiros).

Segundo o adquirente do terreno, o Senhor Geraldo Joaquim de Matos² (2014), esse valor 400.000,00 cruzeiros era considerado um valor alto. Ele disse, em depoimento, que foi preciso vender o “benefício” de uma casa pequena que tinha no Bairro Paroquial (conhecido como Chão dos Padres), para poder comprar esse terreno no Bairro Boa Vista. Quando ele diz que vendeu apenas o “benefício” se refere aos terrenos do bairro Paroquial que foram adquiridos como doação da Igreja Católica, para as pessoas pobres. Mas tinha uma norma de que esses moradores não podiam vender o terreno, só podiam vender as madeiras, telhas, portas e janelas. Então, é isso que o entrevistado chama de “benefício”.

Assim, constatamos que o senhor Geraldo Joaquim de Matos não tinha emprego fixo, pois trabalhava como ajudante de pedreiro, por isso lembra com ar saudosista que foi necessário vender outros bens para adquirir esse terreno, uma vez que o dinheiro que recebia dos serviços prestados na construção civil, não dava para custear o sonho da casa própria, que começaria a ser realizado com a compra do terreno.

A economia brasileira na década de 1980 – período de formação do bairro Boa Vista na cidade de Picos – passava por momentos delicados. Neste período a inflação era alta, o desemprego muito grande e a desigualdade social acentuada. Segundo Milton Braga Furtado (2000), em “Síntese da Economia Brasileira”, a década de 1980 caracterizava-se pela instabilidade da economia. Depois de o produto real crescer à taxa de 9,2 em 1980, o país afundou em um período recessivo; a indústria e o comércio tiveram um desempenho negativo no período 1981-83, com reflexos depressivos sobre o produto real, cuja taxa de crescimento foi inferior à registrada no ano da crise de 1963.

² Geraldo Joaquim de Matos mora no bairro Boa Vista desde a década de 1990, foi um dos primeiros moradores do morro Belo Horizonte. Atualmente Geraldo Joaquim de Matos trabalha como metalúrgico.

O aumento da taxa de desemprego no período refletiu a queda dos investimentos em atividades produtivas, decorrente do aumento da taxa de juros, que elevou os custos financeiros da produção e dos serviços e, em consequência, estimulou a especulação no mercado financeiro. O aumento do custo de vida, embutido na inflação, retraiu a demanda interna, principalmente de bens duráveis, o que aumentou a ociosidade de recursos em setores dinâmicos da economia. (FURTADO, 2000, p. 215).

Milton Braga Furtado (2000) acrescenta que nos anos 1980 a economia brasileira apresentou, em linhas gerais, um quadro recessivo com surtos de recuperação econômica pouco consistente e elevadas taxas de inflação. O produto interno bruto caiu à média de 0,21% ao ano, e o emprego declinou 0,43% no mesmo período. A produtividade registrou um modesto crescimento de 0,33%.

O cenário econômico no triênio 1990-1992 – já no período em que o senhor Geraldo Joaquim de Matos adquiriu, com muitas dificuldades, um terreno na cidade de Picos – foi marcado pelo período do governo Collor. Segundo Milton Braga Furtado (2000), partindo do princípio de que a inflação era sustentada pelo desequilíbrio orçamentário (déficit público), o Plano Brasil Novo, lançado pelo governo e conhecido como Plano Collor I promoveu a reforma monetária, com a readoção do cruzeiro como moeda, determinou o bloqueio da maior parte dos ativos financeiros, estabeleceu o congelamento temporário dos preços e salários e reajustou as tarifas públicas, implementou um programa de privatização, com o propósito de reduzir a participação do Estado na economia.

O choque inicial do Plano provocou uma redução imediata do poder de compra da população e, em consequência, maior retração das atividades econômicas. A recessão refletiu no nível de emprego, que decresceu 4,0%. Então, podemos perceber que essa instabilidade financeira que atingiu todo o país na década de 1990, atingiu também a cidade de Picos e o nosso entrevistado, o senhor Geraldo Joaquim de Matos. Esse picoense não possuía um emprego de carteira assinada, fato esse que ampliou suas dificuldades para comprar um terreno e construir a tão sonhada casa própria.

Uma das primeiras moradoras do bairro Boa Vista, a Dona Antônia Alves da Purificação (2014),³ conta em depoimento que, quando chegou ao bairro, não havia nenhum tipo de urbanização. Esses moradores, na década de 1980, não possuíam água encanada em suas casas. Segundo essa moradora, era preciso pegar água em um poço, lembra que

³Antônia Alves da Purificação foi uma das primeiras moradoras do bairro Boa Vista, foi integrante do GrupoEclesial de Base da Igreja Católica, ajudou na formação da Associação de Moradores do Bairro Boa Vista. Atualmente Antônia Alves da Purificação é aposentada.

amarravam uma vara de dezoito palmos no litro para puxarem água de um cano localizado dentro da roça, e levavam essa água em baldes e litros, que colocavam em cima da cabeça.

A dona Antônia (conhecida como Toinha), o Seu Rafael, Seu Horácio, Dona Herôdes, Seu Daniel, entre outros, se reuniram e formaram dois Grupos Eclesiais de Base⁴ da Igreja Católica, os *Seguidores de Jesus* e o *São Mateus*, para irem à Prefeitura Municipal de Picos reivindicarem o abastecimento de água encanada e luz elétrica, uma vez que a iluminação nas casas era feita por meio de velas e lamparinas.

Segundo José Murilo de Carvalho (2002), dentro da Igreja Católica, no espírito da Teologia da Libertação, surgiram as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), por volta de 1975. Antes de 1964, os setores militantes da Igreja Católica atuavam nos sindicatos e no movimento estudantil. A Igreja, que tinha o intuito de aproximar-se do povo, sobretudo dos pobres, passou a trabalhar também com as populações marginalizadas das periferias urbanas. O trabalho religioso ligava-se diretamente às condições sociais desses grupos e era, ao mesmo tempo, um esforço de conscientização política. As CEBs nos anos 1980 expandiram-se por todo o país, abrangendo também as áreas rurais.

De acordo com o artigo *Igreja Católica, política e moral durante a Ditadura Militar Brasileira (1964-1985)*, da autora Sara Cristina de Souza (2007), a Teologia da Libertação propunha reflexões um tanto subversivas, aos olhares militares, e seu ideal de libertação atingiu não só a liturgia e os grupos de oração, mas também abrangia propostas exteriores, fazendo sugerir mudanças na vida material das pessoas. Um desses trabalhos foi a criação da Comissão Pastoral da Terra (CPT), criada em 1975 para atuar na defesa dos pequenos proprietários e posseiros, frente aos grandes latifundiários da Região Norte. Dessa comissão originou-se o atual Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), organizado e ativo desde meados da década de 1980.

Segundo Souza (2007), as lutas em torno da reforma agrária, da construção da “terra nova” levaram à organização de uma “religião politizada” e engajada, aos olhos dos pesquisadores, atuante na sociedade como um todo. Além dessa forma direta de participação, a Igreja também se preocupava com uma atuação indireta, visando, por exemplo, à educação política de seus membros. Conscientizados de maneira correta, saberiam escolher seus governantes e fazer com que eles também aderissem à causa libertadora de Cristo.

⁴ As Comunidades Eclesiais de Base são pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana) ou da capela (rural), por iniciativa de leigos, padres ou bispos. De natureza religiosa e caráter pastoral, as CEBs nas paróquias da periferia podem estar distribuídas em pequenos grupos ou no caso da zona rural, se reúnem e formar um só grupo.

A autora Sara Cristina de Souza (2007) explica que o Brasil, durante parte do século XX, viveu sob ditaduras, dentre as quais a Ditadura Militar de 1964 a 1985. Nesse período, os portadores da “verdadeira fé” aludida por Leonardo Boff acreditavam que um dos deveres da Igreja Católica era moralizar e cristianizar a política, levando toda a sociedade à construção futura do Reino de Deus. Sua atuação era pública, sua fé encontrava-se em uma esfera pública, e esse era o caminho cristão, pois não havia como dissociar fé e política. A nossa entrevistada, Dona Antônia Alves da Purificação relata em depoimento que:

Aí tinha que hoje é Dom Alfredo era o padre que era daqui né, aí quando nós dava fé ele chegava de surpresa lá em nossas reunião aí ele dizia: olha! Vocês se reúne, já tem dois grupos, vocês se reúne e vão pra Prefeitura reivindicar os direitos de vocês...que nem água não tinha aqui né, aqui nem água não tinha...aí a gente ia no tempo que era aquela Prefeitura, antiga Prefeitura ali, sabe o que a gente fazia? A gente deitava nas calçadas até terminar a reunião deles do vereador lá...pra depois chamar a gente pra gente dizer o que era que a gente precisava mais...era tudo! Precisava tudo! Mas o que tava mais necessário era a água que não tinha água... (PURIFICAÇÃO, 2014).

As informações do depoimento de nossa entrevistada convergem com o que foi noticiado pelo Jornal Voz de Picos, que traz como título da matéria *Prefeito promete mandar água para Boa Vista* (confira a transcrição dessa matéria a seguir). O prefeito da época, Abel de Barros Araújo (período de mandato de 1983 a 1988) prometeu a esse grupo de moradores que foram a Prefeitura Municipal de Picos que em breve o bairro Boa Vista estaria com o sistema de água canalizado. A matéria informa que essas pessoas usavam água retirada de um poço, mediante o pagamento de uma taxa mensal.

Segundo Paulo Afonso Leal, um dos integrantes da equipe que está fazendo um estudo detalhado dos problemas dos Bairros Passagem das Pedras e Boa Vista, o Prefeito Abel de Barros Araújo prometeu a turma que o foi visitar no último dia 18, sexta-feira apresentando o problema de falta d'água no Bairro Boa Vista, que a partir do dia seguinte mandaria um carro pipa abastecer a população, enquanto não fosse instalado o sistema de abastecimento canalizado, pela Agespisa.

O bairro Boa Vista é pouco conhecido, devido ser novo e ficar um pouco escondido, depois da Passagem das Pedras e o fornecimento d'água ali é inexistente, embora já exista a energia elétrica que foi instalada durante a campanha eleitoral do ano passado. As pessoas usam água retirada de um poço tubular, mediante o pagamento de uma taxa mensal. A água não recebe o menor tratamento e fica exposta a ação do vento, recebendo poeira e outros detritos.

Agora, com esta promessa do Prefeito em mandar água em um carro pipa, pelos menos temporariamente as pessoas residentes naquele bairro não precisarão padecer para conseguir água. O prefeito prometeu também, fazer junto a Agespisa, um estudo para a instalação da água encanada no bairro.

Existe nos Bairros Passagem das Pedras e Boa Vista, uma comissão que está fazendo um estudo minucioso dos problemas existentes neles, e procurando encontrar as soluções mais viáveis, para apresentá-las às autoridades competentes. Segundo Paulo Afonso, esta apresentação do problema de falta d'água em Boa Vista

foi o primeiro e ao que parece deu resultado satisfatório, o que anima a turma a prosseguir com o trabalho. (Jornal Voz de Picos, 21 de março de 1983).

Através dos Grupos Eclesiais de Base foi construído o Salão Paroquial, esse espaço era utilizado para a realização de missas e reuniões dos grupos. Posteriormente esse salão veio a ser a Igreja São João Batista. O terreno para a construção da igreja foi doado por Pedro Maria Costa. Dona Antônia Alves da Purificação relatou que o Salão Paroquial foi construído com a ajuda do Padre Alfredo e em forma de mutirão pela comunidade.

Foi o Padre Alfredo, não foi a Prefeitura não, foi o Padre Alfredo quem construiu o Salão, tá bem aqui que ainda é vivo foi seu Zé Djalma que tomou conta ele mandou botar todo o material o Padre Alfredo, uma coisa que ele fez pra comunidade de gosto com alegria aí ele mandou botar o material todinho e pagou seu Zé Djalma, aí seu Zé Djalma botou trabalhador pra começar a construção do alicerce e pra construir, pra fazer a massa do cimento...pra construir foi em nossa cabeça, nós levamos daqui debaixo, as mulheres da comunidade se dispôs e carregou água na cabeça, enchia os tambores e até que construiu o Salão e ainda hoje tá aí pra quem quiser ver...(PURIFICAÇÃO, 2014).

Nessa época, as poucas casas que existiam no bairro eram de taipa e onde hoje estão situadas muitas casas, era apenas mata nativa, onde as pessoas pegavam a lenha, pois nessa época a maioria dos moradores cozinhava no fogão a lenha. Existiam também as roças, na parte baixa e em cima dos morros, onde os moradores plantavam arroz, feijão, milho, melancia, abóbora, melão, esperando um bom inverno para poder colher os alimentos.

Também na década de 1980, quando iam trabalhar ou precisavam resolver alguma coisa no centro da cidade de Picos, os moradores do bairro Boa Vista atravessavam o Rio Guaribas nas canoas, pois nessa época ainda não existia a Ponte Eulálio Damasceno, (popularmente conhecida como ponte da Passagem das Pedras).

O Jornal Voz de Picos trouxe uma matéria intitulada *Passagem das Pedras reivindica melhorias*. A matéria apresenta os problemas que os moradores dos bairros vizinhos, Boa Vista e Passagem das Pedras, enfrentavam. Entre os mais sérios estava a falta de água no bairro Boa Vista, a necessidade de construção de uma ponte sobre o Rio Guaribas e o ensino Primário completo no bairro Passagem das Pedras.

Um grupo de moradores do bairro Passagem das Pedras esteve reunido com um outro grupo de moradores do vizinho bairro Boa Vista, na sua maioria participantes de grupo de jovens, e o restante constituído de casais.

O intuito dessa reunião que se realizou no dia 20 de fevereiro, foi debater os problemas que afetam aquelas comunidades e buscar soluções para os mesmos. E além de promover a integração entre os moradores dos dois bairros, o encontro serviu para a formação de uma comissão, que irá fazer um estudo detalhado de cada problema dos bairros e apresentá-los às autoridades competentes.

Inicialmente será feito um levantamento detalhado sobre os problemas que foram considerados mais gritantes e a segunda parte do projeto consiste em apresentar às autoridades competentes, os problemas e suas devidas soluções. Vale ressaltar aqui, que a formação da comissão foi feita por voto de cada participante da reunião.

De antemão foram considerados gritantes os problemas de falta d'água no Bairro Boa Vista, de uma ponte sobre o Guaribas no local em que este cruza com a estrada que vai para a Passagem das Pedras, da falta de transporte coletivo, de telefones públicos e de uma instrução primária completa naquele bairro. Lá só existem aulas para quem estuda até o 2º ano do 1º Grau.

Reclamações foram ouvidas ainda, sobre o problema dos Correios, segundo moradores, o carteiro chega ali, com um pacote de cartas na mão e as entrega a qualquer um, em qualquer casa, não se dando ao trabalho de procurar o destinatário correto de cada carta.

A comissão que está estudando os problemas do Bairro, torna a se reunir no próximo dia 12, a fim de ver quais são os resultados que já tem em mãos. (Jornal Voz de Picos, 18 de março de 1983).

Com o fim da Ditadura Militar a partir de 1989, segundo José Murilo de Carvalho (2002), no livro *Cidadania no Brasil – o longo caminho*, as pessoas passaram a reivindicar seus direitos de forma aberta, como foi o caso dos moradores dos bairros Boa Vista e Passagem das Pedras em Picos, o que antes não era possível, por causa da censura e repressão. A constituinte de 1988 redigiu e aprovou a constituição mais liberal e democrática que o país já teve, merecendo por isso o nome de Constituição Cidadã. Em 1989, houve a primeira eleição direta para presidente da República desde 1960. Os direitos políticos adquiriram amplitudes nunca antes atingidas. No entanto, a estabilidade democrática não pode ainda ser considerada fora de perigo. A democracia política não resolveu os problemas econômicos mais sérios, como a desigualdade e o desemprego. Continuaram os problemas da área social, sobretudo na educação, nos serviços de saúde e saneamento, e houve agravamento da situação dos direitos civis no que se refere à segurança individual.

José Murilo de Carvalho (2002) explica que os direitos civis estabelecidos antes do regime militar foram recuperados após 1985. Entre eles cabe salientar a liberdade de expressão, de imprensa e organização. A Constituição de 1988 ainda inovou criando o direito de *habeas data*, em virtude do qual qualquer pessoa pode exigir do governo acesso às informações existentes sobre ela nos registros públicos, mesmo as de caráter confidencial. Criou ainda o “mandado de injunção”, pelo qual se pode recorrer à justiça para exigir o cumprimento de dispositivos constitucionais ainda não regulamentados. Definiu o racismo como crime inafiançável e imprescritível e a tortura como crime inafiançável e não-anistiável. Uma lei ordinária de 1989 definiu crimes resultantes de preconceito de cor ou raça. A Constituição ordenou também que o Estado protegesse o consumidor, dispositivo que foi regulamentado na Lei de Defesa do Consumidor, de 1990. Fora do âmbito constitucional, foi

criado em 1996 o Programa Nacional dos Direitos Humanos, que prevê várias medidas práticas destinadas a proteger esses direitos.

Apesar de todos esses direitos adquiridos com a Constituição Federal de 1988, os brasileiros da cidade de Picos, assim como os de todo o Brasil, não eram atendidos pelo poder público municipal, no que se refere à garantia de infraestrutura urbana adequada aos cidadãos. Dona Antônia Alves da Purificação (2014), em depoimento, lembra que arriscavam a vida atravessando o Rio Guaribas nas canoas, no inverno, mas era necessário, pois era o único trajeto que dava acesso ao bairro Passagem das Pedras e Boa Vista. Lembra também, com ar saudosista, das águas limpas do Rio Guaribas.

[...] Foi uma dificuldade muito grande a luta pela ponte, era a gente arriscando a vida, botava dezoito pessoas em uma canoa pra atravessar o rio cheio, aí então quando a gente ia pra uma reunião lá em Emaús se encontrar com as outras comunidades levava o remo das canoas pra nós apresentar nossa luta que tava sendo muito grande pela ponte, nós fazíamos prece para Deus nos ajudar que construísse a ponte, que nós alcançasse o milagre da ponte...[...] e água do Rio Guaribas era limpa, tinha as vazantes, uma rica fartura, uma rica plantação, a gente lavava roupa com a água limpa do Rio Guaribas....(PURIFICAÇÃO, 2014).

Esse ar saudosista das águas limpas do Rio Guaribas também é ressaltado pela letra de Vilebaldo Nogueira Rocha em homenagem a esse rio de águas claras e limpas que a cidade e os bairros um dia possuíram. Seguem abaixo alguns trechos da letra da música: Rio Guaribas, cadê?

Rio Guaribas, cadê, cadê, cadê?
 Rio Guaribas, cadê você?
 Rio Guaribas, cadê.
 Rio Guaribas, ô!
 Líquida faca cortando meu torrão natal.
 Matou minha sede, levou os barcos meus de papel!
 Embalou meus sonhos, brincou
 Com as estrelas do céu!
 Arrastou meus navios pra beira do mar.
 O progresso é veloz demais.
 Deixa manchas sujas sobre o lençol,
 Ninguém tem tempo pra te proteger.
 Tanto sobejo sob a luz do sol
 O poeta quer te defender.
 (Letra: Vilebaldo Nogueira Rocha. Música: Suely Rodrigues).

Alguns trechos da letra acima nos fazem perceber que o tão sonhado progresso e a urbanização podem trazer não apenas benefícios, mas também prejuízos às pessoas. Dentre estes podemos citar a poluição ao meio ambiente e a destruição de um rio que tanto serviu à

população picoense. A cidade e o bairro cresceram e se transformaram, mas em contrapartida perderam as águas limpas e claras do Rio Guaribas.

Já a Ponte Eulálio Damasceno (ver figura 13), possui esse nome em homenagem a um líder comunitário do bairro Passagem das Pedras, o já falecido Eulálio Damasceno, que reivindicou, na década de 1980, juntamente com outros moradores, a construção da ponte sobre o Rio Guaribas. Eulálio Damasceno era engajado nas lutas pelas melhorias estruturais para o bairro Passagem das Pedras.



Figura 13: Ponte Eulálio Damasceno sobre o Rio Guaribas, localizada no Bairro Passagem das Pedras em 25/11/2014.

Fonte: Arquivo Pessoal da Ana Beatriz de Matos.

A partir dos anos 2000, segundo Raimundo Nonato de Carvalho e Antônia Alves da Purificação (2014), devido ao bairro Boa Vista ser localizado em morros e considerado distante do Centro da cidade, começou a ser difundido um discurso de que no bairro Boa Vista haveria muitos usuários de drogas, pessoas com má conduta. Os entrevistados disseram ainda que ouviam pessoas falando que o poder público não tinha interesse em realizar melhorias no bairro, pois este não dispunha de ofertas de emprego e nem pessoas interessadas em trabalhar. Com isso houve a construção dos estereótipos de bairro violento, periférico, afastado do centro da cidade, um local onde moram pessoas pobres, sem nenhuma instrução educacional.

Essa construção da memória do bairro Boa Vista e da cidade de Picos, onde ele está inserido, tanto pela tradição oral, quanto pelos jornais e letras de música nos levou à busca da compreensão do conceito de memória e da metodologia da História Oral. Segundo Sônia

Freitas (2006), a História Oral tem como suporte as lembranças, evidenciando uma *memória coletiva*. Esta última pode ser entendida como uma somatória de experiências individuais, passíveis de serem utilizadas como fontes históricas. E sobre o ato de lembrar exercitado por nossos entrevistados, a autora Sônia Freitas destaca que:

Um fato curioso é que quanto mais antigas e mais importantes forem as reminiscências, mais persistentes elas se tornam em nossa memória. A partir de nossa experiência concreta como entrevistadora, percebemos que os nossos entrevistados diferem em sua capacidade de recordar, e muitas vezes, recordam os mesmos fatos de diferentes maneiras. (FREITAS, 2006, 39.).

Utilizamos a História Oral para ajudar a compor o nosso trabalho, pois, segundo Sônia Freitas, o documento gravado, como qualquer tipo de documento, está sujeito a diversas leituras. O procedimento do historiador diante de tal documento deverá ser o mesmo, no que concerne à sua análise e problematização. A História Oral fornece documentação para se reconstruir o passado recente, pois o contemporâneo é também história.

Para Ecléa Bosi (2003), em *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*, muito mais do que qualquer outra fonte, o depoimento oral ou escrito necessita de esforço, de sistematização e claras coordenadas interpretativas. Quanto mais o pesquisador entra em contato com o contexto histórico preciso onde viveram seus depoentes, cotejando e cruzando informações e lembranças de várias pessoas, mais vai se configurando a seus olhos a imagem do campo de significados já pré-formada nos depoimentos.

A autora Verena Alberti (2005) destaca que fazer História Oral não é simplesmente sair com um gravador em punho, algumas perguntas na cabeça, e entrevistar aqueles que cruzam nosso caminho dispostos a falar um pouco sobre suas vidas. Essa noção simplificada pode resultar em um punhado de fitas gravadas, de pouca ou nenhuma utilidade, que permanecem guardadas sem que se saiba muito bem o que fazer com elas. Muitas vezes tal situação é criada por uma concepção talvez ingênua e certamente equivocada de que a história oral, em vez de meio de ampliação de conhecimento sobre o passado, é, digamos, o próprio passado reencarnado em fitas gravadas – como se o simples fato de deixar registrados depoimentos de atores e/ou testemunhas do passado eximisse o pesquisador da atividade de pesquisa.

Então, nesse primeiro capítulo pudemos perceber que o bairro Boa Vista ainda necessita de muitas melhorias no que se refere à urbanização, como por exemplo, na Rua Belo Horizonte e na Avenida Quatro de Julho. Durante os períodos chuvosos, os moradores descem ladeiras que se tornam escorregadias devido à lama que, pela falta do calçamento,

ficam acumuladas. Há trechos do bairro que não possuem sequer energia elétrica, pois estão faltando lâmpadas nos postes; percebemos lixo espalhado, pois encontramos terrenos baldios e obras inacabadas.

Percebemos que, na década de 1980, os moradores do bairro Boa Vista reivindicaram ao poder público o abastecimento de água encanada e o fornecimento de energia elétrica, reivindicação que não foi atendida de forma imediata, porque, desde a década de 1980, o bairro Boa Vista já era caracterizado como distante do Centro da cidade de Picos. O segundo capítulo irá discorrer sobre a fundação da Associação de Moradores do Bairro Boa Vista e as práticas cotidianas desses moradores na década de 1980.

CAPÍTULO 2

AS PRÁTICAS COTIDIANAS DOS MORADORES DO BAIRRO BOA VISTA NA DÉCADA DE 1980

2.1 A fundação da Associação de Moradores do bairro Boa Vista

A Associação de Moradores do Bairro Boa Vista foi fundada em 1985, contando com a participação de integrantes dos Grupos Eclesiais de Base da Igreja Católica, os *Seguidores de Jesus* e o *São Mateus*. De acordo com a interpretação de dona Antônia Alves da Purificação, a Associação de Moradores do Bairro Boa Vista e a Igreja São João Batista participaram juntas desse processo de mudanças estruturais para o bairro. Como também destaca o nosso entrevistado Paulo Francisco de Moura Santana (2015),⁵

É o ano da fundação da associação foi no ano de 1985, dia 17 de novembro de 1985. Antes da fundação da associação já tinha a comunidade, já se movimentava com a Igreja Católica tinha o grupo naquela época. O bispo Dom Augusto dava muito apoio, né? Nas comunidades carentes e era o Grupo Eclesial de Base, então o grupo já começava a passar das fronteiras só da questão religiosa, mas também a lutar por melhorias para as suas comunidades e aí como o grupo ele...não tinha um...poder de reivindicação legal criou-se então a associação naquela época, né? é...existia no Piauí já esse movimento de criação de...entidades de classes de Associação de Sindicatos, então foi em 1985. (SANTANA, 2015).

A imagem a seguir (figura 14) nos revela o engajamento dos moradores do bairro Boa Vista e o desejo que eles tinham de participar ativamente da Associação de Moradores. Nesta fotografia, Paulo Francisco de Moura Santana está discursando na cerimônia de sua posse como presidente da referida associação.

⁵ Paulo Francisco de Moura Santana mora no bairro Boa Vista desde a década de 1980, foi presidente da Associação de Moradores do Bairro Boa Vista. Atualmente Paulo Francisco de Moura Santana trabalha como diretor de marketing.



Figura 14: Paulo Francisco de Moura Santana discursando na sua cerimônia de posse como Presidente da Associação de Moradores do Bairro Boa Vista Gestão de 1990.

Fonte: Arquivo da Associação de Moradores do Bairro Boa Vista.

Maria das Dôres de Sousa (2002), em sua dissertação de mestrado intitulada “Associações de Moradores de Picos-PI na década de 1990: Crise e práticas educativas”, destaca que, no caso das primeiras associações de moradores, estas surgiram a partir da década de 1980. Estas entidades representam a visibilidade das práticas reivindicativas das populações, pelo fato de abrirem espaço para os moradores das periferias explicitarem publicamente as suas demandas em prol de melhores condições de vida e de acesso aos direitos sociais básicos, como educação, saúde e moradia.

A grave crise econômico-social dos anos 1980 e meados de 1990 redefiniu o cenário das lutas sociais no Brasil e os movimentos sociais, principalmente os de caráter popular nas periferias urbanas, que enfrentaram uma diversidade de conflitos, tanto de ordem interna como externa. Os conflitos de ordem interna dizem respeito à questão de desmobilização, de militância, de distanciamento liderança-base, de estruturação, de organização e de participação; já os de ordem externa são atribuídos à crise econômica do país, ao desemprego, e às políticas neoliberais. Esses conflitos levaram os referidos movimentos a procederem mudanças em suas práticas, tanto de ordem interna quanto de ordem externa.

As associações de moradores da zona urbana de Picos vivenciaram várias tensões nas décadas em estudo, que interferiram no rumo dessas organizações e acarretaram transformações significativas no contexto de suas lutas, por benefícios coletivos: alfabetização de jovens e adultos, formação sistemática das lideranças e a criação de grupos de formação

em seus núcleos com programas de educação popular, fornecimento de água e energia, funcionamento de posto de saúde, escolas, creches etc.

Nesse sentido, houve na década de 1980, um aglutinamento das massas populares em torno do tema das cidades, com a elaboração de propostas de emenda popular em torno da reforma urbana. É na cidade que as populações pobres criam entidades representativas, entre elas as associações de moradores. A partir de tais entidades, articulam suas lutas, estruturam e pressionam o poder público no sentido de desenvolver políticas públicas, que garantam melhores condições de vida para os seus moradores. (SOUSA, 2002, 35.).

A década de 1980 trouxe um panorama novo na teoria e na prática sobre os movimentos populares urbanos, surgem novas lutas pelo acesso à terra e sua posse, além do surgimento de organizações locais, entre elas, as associações de moradores. Na década de 1980, a Associação de Moradores do Bairro Boa Vista se destacou pelo caráter organizativo, administrativo, voltados mais para as questões internas, como a elaboração do estatuto, e questões relacionadas à direção da entidade, visando à organização da associação como entidade representativa da comunidade. Na dimensão política, neste período, houve preocupação no sentido de formar lideranças para atuar na associação e em outros movimentos populares.

Já na década de 1990, os interesses que mais se destacaram foram: os de caráter administrativo com característica imediatista voltados, sobretudo, para a solução de infraestrutura para o bairro. Esses problemas às vezes eram solucionados em mutirão pelos moradores do bairro ou através de reivindicação ao poder público, assistencialista, com realizações de ações destinadas a suprir algumas necessidades básicas e problemas de saúde dos moradores do bairro. Neste sentido, realizavam festas, bingos, leilões, “pescas”, recolhimento de doativos, auxílio financeiro para ajudar as famílias com dificuldades. Essas ações estiveram presentes na Associação do bairro Boa Vista, nas décadas de 1980 a 1990.

A imagem a seguir (figura 15) nos remete à interpretação de que os moradores saíram de suas casas e foram tentar melhorar o acesso ao bairro por essa ladeira. Se eles percebessem que o poder público municipal estava demorando em solucionar os problemas estruturais do bairro, se organizavam em forma de mutirão e tentavam resolver o problema trabalhando de forma coletiva.



Figura 15: Mutirão organizado pelos moradores para melhorar o acesso da ladeira na Avenida Isabel Carvalho bairro Boa Vista década de 1990.

Fonte: Arquivo da Associação de Moradores do Bairro Boa Vista.

Destacamos as lutas específicas que fazem parte da história de todas as associações, como as que tratam dos problemas de infraestrutura do bairro, a saber, a luta por calçamento, asfaltamento e abertura de ruas, iluminação e limpeza pública, coleta de lixo, melhoramento do abastecimento de água e etc.

Raimundo Nonato de Carvalho (2015) relatou em depoimento que atualmente a Associação de Moradores do Bairro Boa Vista passa por mais dificuldades do que na década de 1980, pois ele considera que na década em questão existia mais união entre os moradores. Os trabalhos feitos em prol da comunidade eram mais organizados, havia mais coletividade. Atualmente predomina mais o lado individualista.

Hoje a dificuldade é maior! Antigamente as associações lutavam pelo...por um direito em comum, né? Lutavam por uma coisa pra comunidade, lutava por um bem em comum, um bem coletivo, hoje em dia a associação é mais político entendeu? É mais fazendo um trabalho do político, fazendo o que o político lá manda eu sou! Eu vou! Ganhar a associação porque...fulano de tal me...indicou então isso aí é muito difícil a diferença que faz é justamente essa dos anos 90, dos anos 80, dos 90 pra hoje que é... antigamente a coisa era mais coletiva, era mais luta mesmo! De verdade! E hoje é mais o lado político, o lado partidário! (CARVALHO, 2015).

Em meio a essas dificuldades, os antigos membros da referida associação de moradores preocupam-se em resgatar ações práticas de outrora, como aquelas de caráter recreativo, por meio de comemorações de datas populares, objetivando reativar a cultura popular, como por exemplo, as festas religiosas. Essas festas com fins lucrativos fazem parte de ações da luta em prol da construção da quadra de esportes do bairro, entre outras obras de

uso coletivo. De acordo com os entrevistados, essas ações promovem uma maior interação da associação com a comunidade.

Com a fundação da Associação, na década de 1980, os moradores do bairro Boa Vista foram à Prefeitura Municipal de Picos e solicitaram o trabalho de abrir as ruas e planificar as ladeiras, uma vez que aquela região ainda estava com uma mata nativa, sem nenhuma rua traçada.

Atualmente a Associação de Moradores do Bairro Boa Vista passa por dificuldades no que se refere ao engajamento de pessoas para participarem ativamente da mesma. Isso ocorre devido à indiferença do poder público municipal em atender as reivindicações dos populares, ao fato de os moradores não demonstrarem mais tanto interesse no associativismo, como outrora, e também porque julgam essa Associação, atualmente, como uma entidade que estaria priorizando objetivos particulares dos líderes e não os interesses coletivos da comunidade.

Os movimentos caracterizados como sociais emergem basicamente na década de 1980 e início dos anos 1990. Com a abertura política, os movimentos cresceram juntamente com a reorganização da sociedade picoinense, impulsionando as camadas populares em torno de lutas específicas, sobretudo no campo da habitação. Ao se falar das associações de moradores em Picos, não podemos deixar de analisar que, apesar das dificuldades vivenciadas por estas entidades nas décadas de 1980 e 1990, elas obtiveram conquistas tanto no campo organizativo, administrativo, recreativo quanto no político.

Reconhece-se, também, que os movimentos populares de bairro na cidade se constituem a partir de necessidades imediatas. Os bairros São José, Boa Vista e Junco se destacavam pelas reivindicações em torno do fornecimento de água e energia elétrica, serviços de transportes coletivos, remoção de moradores de áreas de risco, calçamento e asfaltamento de ruas, funcionamento de postos de saúde, creches e outros.

2.2A saúde pública e a educação no bairro Boa Vista

A questão da saúde pública no Brasil e no bairro Boa Vista na década de 1980 foi, e continua sendo, bastante precária. É um problema do bairro Boa Vista, bem como de toda a cidade de Picos, pois, quando há um acidente mais grave, é necessário ir a hospitais no Centro da cidade, que, muitas vezes, encaminha o acidentado/doente a Teresina, porque o Hospital Regional Justino Luz, de Picos, não dispõe de recursos necessários a atendimentos mais graves. A indignação social com essa precariedade na saúde pública convive com a

expectativa de melhora desse quadro, com a inauguração da Policlínica, para desafogar o Hospital Regional.

De acordo com os moradores entrevistados, na década de 1980 não existia Posto de Saúde no bairro, e faz parte da memória coletiva dos entrevistados a automedicação, que, segundo o historiador Raimundo Nonato Lima dos Santos (2007), a base desses recursos caseiros é o conhecimento popular sobre o uso de plantas medicinais e curandeirismo. A prática da automedicação foi relatada por Antônio Gilberto de Oliveira (2015)⁶, ao informar que, em meio às dificuldades que enfrentavam na década de 1980 para conseguir atendimento médico, restava o uso de remédios caseiros.

Não tinha Posto de Saúde. Não tinha... O hospital você... pra você marcar uma consulta... eu me lembro uma vez que precisei extrair um dente eu sai daqui de casa 1 hora da manhã nessa época você tinha que marcar a consulta ali onde era a casa de frente ao prédio do INSS era lá aí chegava lá 1 hora da manhã e tinha trezentas, quinhentas pessoas na fila pra você marcar uma consulta pra extrair um dente nós saía daqui na época que lá nem no hospital não extraia dente na época você tinha que marcar lá era a maior dificuldade do mundo você ir no médico... Na época aqui em casa a gente quando nós adoecia dificilmente nós ia no médico era.... comprava... em Paulo das Ervas alguma coisa...era chá, xarope, fazia em casa mesmo só ia no hospital e... eu não lembro de alguém daqui em casa ir no médico não... era remédio que mãe fazia em casa ah ela entendia dessas coisas ela tinha tudo dentro de casa! Coisa pra fazer um chá tinha. (OLIVEIRA, 2015).

Mas essa não era uma realidade apenas na década de 1980. Até o começo do ano passado (2014), o bairro Boa Vista não possuía um Posto de Saúde. Os moradores iam para o bairro Passagem das Pedras para conseguirem atendimento médico. Atualmente o bairro possui a Unidade Básica de Saúde Boa Vista. Segundo Paulo Francisco de Moura Santana (2015), o Posto de Saúde no bairro Passagem das Pedras, na década de 1980, servia para atender os dois bairros vizinhos e as comunidades rurais próximas.

E o posto na década de 80 não existia, né? começou a existir já no... já final da década de 90, meados da década de 90 o primeiro Posto de Saúde, né? piquinininho pra atender as comunidades, nessa época nem existia Cidade de Deus, né? pra atender as comunidades, na zona rural não existia no Saquinho. O povo vinha lá pra Passagem das Pedras, né? Então mas muito precário e como ainda hoje, mas naquela época tinha de uma forma mais efetiva os remédios caseiros, né? funcionava muito bem, né? Pra dor de barriga, dor de cabeça, tontura, né? Ali os mais velhos, os vizinhos, a avó ou o pai, o tio, se a gente sentisse alguma coisa já tava ali preparando algo pra poder é... sarar nossa enfermidade. (SANTANA, 2015).

⁶Antônio Gilberto de Oliveira mora no bairro Boa Vista desde a década de 1980, foi integrante da Associação de Moradores do Bairro Boa Vista. Atualmente Antônio Gilberto de Oliveira trabalha como pedreiro.

De acordo com o depoimento de Paulo Francisco de Moura Santana (2015), a saúde pública, não só no bairro Boa Vista, mas também na cidade de Picos, está pior atualmente. Apesar das dificuldades para se conseguir atendimento médico, na década de 1980 existia a questão mais humana, o respeito entre as pessoas. Já atualmente, com tantos recursos que se tem para realizar os procedimentos médicos, o que ele considera pior é a falta de respeito, de consideração, que muitas vezes predomina no atendimento nos hospitais da rede pública.

Antes do advento do Sistema Único de Saúde⁷ (SUS), a atuação do Ministério da Saúde se resumia às atividades de promoção de saúde e prevenção de doenças (por exemplo, a vacinação) realizadas em caráter universal, e à assistência médico-hospitalar para poucas doenças; servia aos *indigentes*, ou seja, a quem não tinha acesso ao atendimento pelo Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS), que foi criado pelo regime militar em 1974, pelo desmembramento do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), que hoje é o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), e tinha a finalidade de prestar atendimento médico aos que contribuíam com a Previdência Social, ou seja, aos empregados de carteira assinada. O INAMPS dispunha de estabelecimentos próprios, mas a maior parte do atendimento era realizado pela iniciativa privada; os convênios estabeleciam a remuneração por procedimento, consolidando a lógica de cuidar da doença e não da saúde.

A Constituição de 1988 foi um marco na história da saúde pública brasileira, ao definir a saúde como “direto de todos e dever do Estado”. A implantação do SUS foi realizada de forma gradual: primeiro veio o Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde (SUDS); depois, a incorporação do INAMPS ao Ministério da Saúde (Decreto nº 99.060, de 7 de março de 1990); e por fim a Lei Orgânica de Saúde (Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990), que fundou o SUS. Em poucos meses foi lançada a (Lei nº 8.142, de 28 de dezembro de 1990), que imprimiu ao SUS uma de suas principais características: o controle social, ou seja, a participação dos usuários (população) na gestão do serviço. O INAMPS só foi extinto em 27 de julho de 1993, pela lei nº 8.689.

De acordo com a Constituição de 1988, Título VIII, Capítulo II, Seção II, Da Saúde.

Art. 196. A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal igualitário às ações e serviços para a sua promoção, proteção e recuperação.

Art. 197. São de relevância pública as ações e serviços de saúde, cabendo ao Poder Público dispor, nos termos da lei, sobre sua regulamentação, fiscalização e controle,

⁷Informações sobre o SUS disponível em <https://www.sistemaunicodesaude.weebly.com>

devendo sua execução ser feita diretamente ou através de terceiros e, também, por pessoa física ou jurídica de direito privado.

Art. 198. As ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada e constituem um sistema único, organizado de acordo com as seguintes diretrizes:

- I. Descentralização, com direção única em cada esfera de governo;
- II. Atendimento integral, com prioridade para as atividades preventivas, sem prejuízo dos serviços assistenciais;
- III. Participação da comunidade

Então, de acordo com a Constituição de 1988, a saúde é “direito de todos e dever do Estado”. No entanto, na maioria das vezes, nos deparamos com hospitais lotados e sem os equipamentos necessários para a realização de exames. É comum também a falta de médicos nos hospitais e nos postos de saúde.

Na década de 1980, assim como a saúde pública, a educação no bairro Boa Vista também caminhava a passos lentos. Não havia escola. Os moradores se deslocavam para o bairro vizinho, a Passagem das Pedras, onde, na escola Elpídio Monteiro Gonçalves era ofertado o ensino Primário incompleto, para quem estudava o 2º ano do 1º Grau. Os moradores que desejassem “concluir os estudos” – ditado popular da época, que correspondia a concluir o 2º Grau (atual Ensino Médio) – deviam se deslocar até o Centro da cidade, já que não existia uma formação completa no bairro.

A Escola Municipal Timóteo Borges de Aguiar foi fundada em meados da década de 1990, sendo a primeira e única escola em funcionamento no bairro, já que, até o momento, não foi inaugurado o Centro Federal de Educação Infantil. As obras estão inacabadas, e a escola Timóteo Borges de Aguiar oferta o Ensino Fundamental I e II, durante o dia e, à noite, Educação de Jovens e Adultos. O Ensino Médio regular só é ofertado nas escolas do Centro da cidade.

Na década de 1980, havia certa dificuldade para os moradores dos bairros Boa Vista e Passagem das Pedras “concluir os estudos”, já que era necessário atravessar o rio Guaribas nas canoas, durante o inverno. Segundo consta no depoimento de nosso entrevistado Raimundo Nonato de Carvalho,

Eu estudava em 82...81... por aí assim, e deixei de estudar por que não tinha a mínima condição de estudar no Centro por que eu estudava lá no Vidal de Freitas pra puder passar pra lá pra puder voltar na mesma noite porque naquela época chovia muito o inverno era muito extenso, né? E aí o rio era cheio praticamente era três, quatro meses de inverno e o rio era cheio praticamente com dois meses de...inverno e aí terminava não dando por que a gente passava nessas canoas e era muito difícil...canoas virava eu... o pessoal descia na água e era muito difícil! Mais tinha só tinha mesmo essa... via de acesso ao Centro que era as canoas não tinha outro apelo não tinha como correr. (CARVALHO, 2015).

Então percebemos, pela fala do nosso entrevistado, as dificuldades que se tinha para conseguir estudar, pois nesse período ainda não tinha sido construída a ponte Eulálio Damasceno, que dá acesso aos bairros Passagem das Pedras e Boa Vista, de modo que seus moradores pudessem se descolar para o Centro da cidade de Picos. Então, nessa época ocorreu muita evasão escolar, os alunos desistiam de estudar, porque, durante o inverno atravessavam o rio Guaribas nas canoas, correndo o risco de se afogarem.

A educação nessa época estava ligada não só à escola, mas também ao “respeito aos mais velhos” e, muitas vezes, era necessário trabalhar para ajudar no sustento da casa. O ideal era conciliar estudo e trabalho, mas, devido à falta de escola no bairro e ao cansaço ocasionado por um dia inteiro de trabalho, muitos desistiam de estudar. Como relata Antônio Gilberto de Oliveira,

Tinha não. A gente saía e ia estudar... eu mesmo quando vim morar aqui eu estudava lá no Landri Sales [uma escola que fica localizada no Centro da cidade] saía daqui pra ir pro Landri Sales aí com quatorze anos fui trabalhar mais pai aí estudava de noite com quatorze anos, saía daqui passava o dia trabalhando mais ele na construção e de noite ia estudar. Não tinha nenhuma escola aqui não nos anos 80. Aqui era pouca gente que estudava, o pessoal daqui não estudava não! O pessoal... aqui em casa mesmo nós era nove irmãos dos homem só quem estudava era eu, porque eu ainda ia pro colégio mas os outro que trabalhava aí chegava em casa cansado aí não queria estudar de noite não! Nenhum de meus irmãos mais novo nenhum estudava na época não estudava só trabalhava mesmo! Eu era o único que ia pro colégio. (OLIVEIRA, 2015).

Essa questão da falta de escolas, do analfabetismo e do trabalho realizado por crianças e adolescentes não era uma realidade apenas do bairro Boa Vista, da cidade de Picos, mas sim de todo o país. Com a Ditadura Militar, o Brasil passava por problemas econômicos e estruturais, quem conseguia ter acesso a uma educação de qualidade era uma minoria. A maioria das pessoas nessa época não teve acesso a uma educação de qualidade e, às vezes, a nenhum tipo de educação escolar.

Nosso entrevistado, Antônio Gilberto de Oliveira, relatou que ele e seus irmãos trabalharam quando crianças e adolescentes, para ajudar no sustento da família – fato esse que impedia que se começasse ou prosseguisse nos estudos. Ressaltamos que, na década de 1980, não existia a proibição ao *trabalho infantil*. A preocupação com a criança e o adolescente só passou a existir efetivamente com a Constituição de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990.

De acordo com a Constituição de 1988, Capítulo VII. Da família, da Criança, do Adolescente, do Jovem e do Idoso.

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

1º- O Estado promoverá programas de assistência integral à saúde da criança, do adolescente e do jovem, admitida a participação de entidades não governamentais, mediante políticas específicas e obedecendo aos seguintes preceitos:

- I- Aplicação de percentual dos recursos públicos destinados à saúde na assistência materno-infantil;
- II- Criação de programas de prevenção e atendimento especializado para as pessoas portadoras de deficiência física, sensorial ou mental, bem como de integração social do adolescente e do jovem portador de deficiência, mediante o treinamento para o trabalho e a convivência, e a facilitação do acesso aos bens e serviços coletivos, com a eliminação de obstáculos arquitetônicos e de todas as formas de discriminação.

2º- A lei disporá sobre normas de construção dos logradouros e dos edifícios de uso público e de fabricação de veículos de transporte coletivo, a fim de garantir acesso adequado às pessoas portadoras de deficiência.

3º- O direito a proteção especial abrangerá os seguintes aspectos:

- I- Idade mínima de quatorze anos para admissão ao trabalho, observando o disposto art. 7º, XXXIII;
- II- Garantia de direitos previdenciários e trabalhistas;
- III- Garantia de acesso do trabalhador adolescente e jovem à escola;

Segundo o ECA de 1990, Capítulo IV. Do direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer, Lei 8.069/ 1990,

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-lhes:

- I- Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II- Direito de ser respeitado por seus educadores;
- III- Direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;
- IV- Direito de organização e participação em entidades estudantis;
- V- Acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência

Parágrafo único. É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.

Art. 54. É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente:

- I- Ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiverem acesso na idade própria;
- II- Progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao Ensino Médio;
- III- Atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;
- IV- Atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade;
- V- Acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e criação artística, segundo a capacidade de cada um;
- VI- Oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do adolescente trabalhador.

Art. 56. Os dirigentes de estabelecimentos de ensino fundamental comunicarão ao Conselho Tutelar os casos de:

- I- Maus tratos envolvendo seus alunos;
- II- Reiteração de faltas injustificadas e de evasão escolar, esgotados os recursos escolares;
- III- Elevados níveis de repetência.

Art. 57. O poder público estimulará pesquisas, experiências e novas propostas relativas a calendário, seriação, currículo, metodologia, didática e avaliação, com vistas à inserção de crianças e adolescentes excluídos do ensino fundamental obrigatório.

A partir desses dados, percebemos que só depois da promulgação da Constituição de 1988 e do ECA de 1990 é que as crianças e adolescentes passaram a usufruir seus direitos de forma mais efetiva. É dever dos pais ou responsáveis e do Estado garantir a segurança, a alimentação, a saúde e uma educação de qualidade, para as crianças e ofertar o ensino regular noturno para o adolescente trabalhador.

2.3 As brincadeiras de crianças e os lazeres no bairro

Outro aspecto que se modificou no período compreendido entre a década de 1980 os dias atuais foram as brincadeiras de crianças e os lazeres dos jovens e adultos. Muitas dessas práticas cotidianas dessa época, como por exemplo, os piqueniques, os banhos de piscina, as gincanas de conhecimento, praticamente inexitem no bairro atualmente. De acordo com os nossos entrevistados, a era da “televisão, da internet”, veio para modificar e romper muitos hábitos, e as relações familiares e de amizades acabaram se modificando. A cultura do bairro mudou. Eles consideram que muito dessa cultura se perdeu, que, na atualidade, praticamente não existe mais lazer coletivo no bairro Boa Vista. De acordo com o depoimento de Paulo Francisco de Moura Santana, as brincadeiras de criança eram totalmente diferentes das de hoje em dia:

Ah totalmente diferente, né? Naquela época não tinha pavimentação... é de calçamento, de asfalto é a dificuldade de energia, né? Principalmente na década de 80 era muito pouco, né? o bairro... era precária a questão da energia e aí as ruas eu me lembro que nessa época do inverno a gente depois de uma chuva a gente ia jogar bola nas ruas, brincar com os com...o pessoal é de *Cemitério*⁸ a gente os homens brincava com as mulheres e era muito sadio, né? Naquela época, né? Realmente assim uma época de ouro em nossas vidas e temos sempre que valorizar! Brincava muito de pião, muito de peteca, soltava muita pipa, caçava, né? passarinho naqueles morros então algo assim... havia uma consideração... um entrosamento muito maior que hoje, né? a questão hoje da informação, da internet que aproxima o mundo da gente, mais que distancia os vizinhos, os familiares aqueles que estão mais próximos se distanciam, às vezes a gente fala com um vizinho via internet, via on-line, mais não fala mais pessoalmente, acabou aquele calor humano que a gente tinha, aquela consideração, aquela tradição... né? cultural que a gente tinha, acho que a... comunicação ela é muito salutar mais tem que saber lidar com ela porque muitas

⁸ Brincadeira predominante na década de 1980 chamada de *Cemitério* que era um jogo de bola onde os meninos ficavam de um lado do campo de futebol e as meninas do outro lado quem fosse acertado pela bola era “eliminada” do jogo, não podia continuar na brincadeira.

vezes ela quebra paradigmas, ela quebra barreiras e altera a nossa cultura, a gente vai adquirindo uma cultura que não é nossa. (SANTANA, 2015).

As brincadeiras das crianças eram realizadas de forma mais simples, com poucos recursos, devido à dificuldade financeira das famílias. Muitos não tinham dinheiro para comprar brinquedos, então a solução era “fazer os brinquedos” a mão, criar brincadeiras coletivas. Nessa época predominava a união e a amizade entre as crianças. Os brinquedos das crianças eram peteca, pião, carrinhos, boneca de pano e cavalos de pau. Esses brinquedos eram feitos com a palha da carnaúba, com latas de óleo de cozinha; as bonecas eram feitas a mão com pedaços de pano; os cavalos de pau eram feitos com cabo de vassoura. Então, percebemos que, na década de 1980, muitas vezes devido à falta de recursos de muitas famílias, as crianças eram acostumadas a fazer seus próprios brinquedos para poderem brincar de forma individual ou coletiva.

Segundo o nosso entrevistado Paulo Francisco de Moura Santana (2015), as relações familiares e de amizade se modificaram. Quando se lembrou de sua infância e juventude, falou, com um ar saudosista, da década de 1980, para ele considerada como uma “época de ouro”.

Então percebemos que as crianças tinham a necessidade e curiosidade em fazer seus brinquedos, pois assim podiam brincar praticamente o dia todo, apesar do pouco dinheiro. Percebe-se também que as crianças tinham várias opções de brincadeira, tinham a criatividade, deixavam a imaginação de criança predominar nas brincadeiras existentes na época. Devido às modificações, hoje em dia há um contraste, as crianças possuem brinquedos eletrônicos, todos comprados, brincam de maneira individualizada nos videogames, nos computadores, mas praticamente não sabem fazer um brinquedo manualmente.

De acordo com o relato de Antônio Gilberto de Oliveira, as crianças na década de 1980 sabiam fazer seus próprios brinquedos e tudo era uma grande diversão:

Nós brincava de pião, peteca e, não tem essa palha de carnaúba? Cortava a palha de carnaúba e fazia tipo um cavalo de pau pra sair correndo no meio da rua, ficava tipo um cavalo com o talo da carnaúba, cortava a cabeça dele assim e quebrava e ficava tipo uma orelhinha, aí montava e saía correndo no meio da rua, e saía brincando. Fazia carrinhos de lata, essa lata de óleo, né? Fazia, cortava, tinha umas lata de óleo, que era de milho, que era quadrada. Você cortava, fazia tipo um trato, aí brincava com esses carrinhos feito de lata de óleo de soja de fazer comida em casa, era brinquedo na época. Porque trabalhar mesmo, pai trabalhava, mais brinquedo aqui na época não tinha condição de comprar, mal comprava o que comer, brinquedo a gente tinha que inventar, era correndo com um pneu no meio da rua era assim... as brincadeiras. (OLIVEIRA, 2015).

Em relação aos lazeres de juventude, predominavam aqueles praticados de forma coletiva. Muitas vezes os moradores iam para a chácara do Padre Alfredo, localizada no Bairro Emaús. Existia o Clube de Jovens no bairro Passagem das Pedras, onde eram organizados banhos de piscina, piquenique, jogos de futebol e gincana de conhecimento. Havia as Tertúlias, festas da época que eram organizadas nas casas de família, os vizinhos se reuniam e levavam comidas, bebidas, contratavam violeiros para tocar. Com isso, as pessoas se divertiam e se socializavam. De acordo com Raimundo Nonato de Carvalho (2015), a cultura da década de 1980 era diferente da de hoje, e o lazer coletivo hoje praticamente não existe mais no bairro Boa Vista.

A cultura era diferente de hoje né? de verdade naquele tempo [década de 1980] tinha o juda⁹, era um lazer pra comunidade, tinha o futebol no tempo do Montreal¹⁰, que era também um lazer que a comunidade todinha ia até Oeiras, pra qualquer cidade do Piauí pra jogar... era caminhões lotados, era um tipo de lazer, também as quadrilhas que nós tinha aqui também era muito bom, né? As quadrilhas¹¹ e várias outras coisas que tinha que era muito bom! Hoje em dia mudou tudo que a cultura mudou, as coisas mudou, as coisas mudaram, a televisão veio pra praticamente destruir, ninguém tem mais aquela...coisa de ficar diretamente... é pra fazer um trabalho de...um trabalho social nesse sentido... então hoje a dificuldade é grande a vista aquele tempo, infelizmente a cultura está se acabando e tô vendo que o lazer da...nossa comunidade praticamente está se acabando. (CARVALHO, 2015).

Outra forma de lazer muito frequente, era a organização de bingos, quermesses, leilões, “pescas”¹², para arrecadar dinheiro em prol da construção do Salão Paroquial que, posteriormente veio a ser a Igreja São João Batista. Então os lazeres proporcionavam uma união entre os moradores do bairro Boa Vista, e algumas práticas serviam para arrecadar dinheiro para a construção da primeira igreja do bairro. Mesmo ainda não tendo um bairro urbanizado com água canalizada e energia elétrica, os moradores organizavam danças e festas nas suas casas, chamavam os amigos e vizinhos, e se divertiam a luz de velas e lamparinas. O nosso entrevistado Antônio Gilberto de Oliveira lembra as formas de lazer existentes no bairro na década de 1980:

⁹Boneco feito durante a Semana Santa e queimado no sábado de aleluia que antecede o domingo de páscoa para a Igreja Católica celebrada como o domingo da Ressureição de Jesus Cristo. O boneco é uma representação de Judas, um discípulo que de acordo com a Bíblia traiu a confiança de Jesus entregando-lhe para os seus inimigos.

¹⁰O tempo do Montreal é referente aos jogos de futebol que os moradores se deslocavam do bairro Boa Vista para irem até Oeiras para prestigiar e jogar bola.

¹¹Quadrilhas é referente a uma dança típica das festas juninas que ocorrem principalmente no mês de junho, em homenagem ao dia de São João celebrado pela Igreja Católica no dia 24 de junho.

¹²Atividade realizada na década de 1980 no bairro que consistia em arrecadar dinheiro para a construção da igreja. Os organizadores nas quermesses colocavam à venda bolos, salgados, roupas, objetos, etc. cada um com uma numeração específica. A pessoa que desejasse comprar alguma coisa deveria pescar um número que ficava dentro de um pote e conferir em qual produto estava o número que pescou, ou seja, que comprou e pagou.

É, sempre foi feito bingo, quermesse, leilão, para arrecadar dinheiro para a construção da igreja, como ainda hoje fazem, né? nos festejos, mas só que naquele tempo (década de 1980) fazia de arrecadação para a construção da igreja, porque o povo daqui não tinha, era todo mundo pobre, todo mundo aqui não tinha condição não... foi construído a igreja toda dessa forma aí de doações que o pessoal fazia, de o pessoal fazendo bingo, pesca, sabe o que é pesca? Era aquelas pescas, eu acho que aquelas pescarias ali quem inventou foi nós aqui na época e também aqui na época que seu Deuzim era vivo, tinha um divertimento que o pessoal daqui gostava, já ouviu falar em Leseira? É igual a um São Gonçalo. Só que a Leseira é diferente um pouquinho, a noite todinha só a mesma coisa, só fazendo roda, todos os sábados seu Deuzim botava uma leseira ali embaixo ali e ia meio mundo de gente, eu não dançava porque eu tinha vergonha, molequitinho tinha vergonha de dançar, aí ficava só olhando os outros dançar, mais ele botava todo sábado e o pessoal ia dançar e se divertir na casa de seu Deuzim... a Leseira. (OLIVEIRA, 2015).

Comprendemos que, na década de 1980, as práticas cotidianas dos moradores do bairro Boa Vista estavam interligadas com o sentido de organização e mobilização, para conseguir melhorias estruturais para o bairro. Nessa época predominava entre os moradores a união, a coletividade em busca de benefícios para o bairro. Paralelo a isso estava a questão da saúde pública e da educação, que, como já foi abordado, os problemas destacados no transcorrer desse capítulo não era algo presente somente no bairro Boa Vista ou na cidade de Picos, mas em todo o Brasil. A Ditadura Militar gerou problemas que afetaram todo o país. Falta de hospitais, de atendimento médico, de postos de saúde nos bairros, falta de escolas e de acesso a uma educação de qualidade para todos era comum em todo o país.

Com relação às brincadeiras de crianças e os lazeres do bairro, percebemos que, com o passar dos anos, houve modificações, pois algumas brincadeiras sofreram alterações e os lazeres coletivos praticamente inexistem, como, por exemplo, as tertúlias e as gincanas de conhecimento. Os brinquedos foram se modificando, e atualmente predominam os brinquedos eletrônicos, videogames. A chamada era da “televisão”, da “internet” veio para modificar as relações familiares e de amizade. Houve modificações no cotidiano das pessoas, mas, com o passar dos anos, estas foram se adequando às novas formas de convivências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos com este trabalho monográfico que o bairro Boa Vista de *hoje* é um reflexo do bairro Boa Vista de *ontem*, pois esses moradores ainda mantêm práticas cotidianas que eram comuns no bairro na década de 1980, como a realização de quermesses, bingos, leilões, com o intuito de arrecadar dinheiro para as despesas da igreja, sendo que, junho, mês do festejo do padroeiro São João Batista, é o período mais movimentado do bairro. Essas práticas foram e ainda são formas de lazer para os moradores, hoje combinadas com as idas aos bares, soverterias e lanchonetes do bairro.

Outro aspecto que o bairro Boa Vista de hoje ainda mantém são as relações de confiança, que eram presentes na década de 1980. Os moradores fazem as compras nos mercadinhos, antes chamados de bodegas, e os comerciantes anotam em um caderno o nome de quem deixou a compra “no fiado”, para pagar depois. Em nossa pesquisa percebemos que essa prática é mantida no bairro, na atualidade. Percebemos também que, mesmo com a correria do cotidiano, os moradores tentam manter as conversas com amigos e vizinhos, sentados na calçada.

Essa relação de amizade, que ultrapassava as questões comerciais, envolvendo consumidor e vendedor, também ocorria em outras cidades brasileiras, nesta mesma época do nosso recorte temporal em estudo, como foi o caso da cidade maranhense de Timon, uma vez que,

Na década de 1980, algumas pessoas que trabalhavam de forma autônoma nos pequenos comércios, chamados *quitandas* e/ou *bodegas*, onde se vendia alimentos, utensílios domésticos e também bebidas. A relação entre consumidores e vendedor era quase afetiva, isto é criavam-se vínculos de amizade que transcendiam as relações comerciais. Comprar fiado era uma prática constante, graças a essa amizade e a consciência dos quitandeiros quanto aos poucos recursos de que dispunham seus clientes. (SANTOS, 2007, p. 57).

Assim como a maioria dos bairros da cidade de Picos, na década de 1980, o bairro Boa Vista desenvolveu-se de uma forma lenta em vários aspectos, pois não havia ruas traçadas, e ainda predominava uma mata nativa. Percebemos que o bairro Boa Vista, na atualidade, ainda tenta se firmar no aspecto urbano.

Ao observarmos os morros Boa Vista e Belo Horizonte, constatamos que algumas ruas não possuem calçamento, os moradores sentem dificuldades quando chove, pois algumas

ladeiras ficam escorregadias e há trechos onde falta iluminação pública. O bairro, até o momento, só possui uma escola, a Escola Municipal Timóteo Borges de Aguiar e, no ano de 2014, foi inaugurada a Unidade Básica de Saúde Boa Vista, pois antes o bairro Passagem das Pedras e o Boa Vista dividiam o mesmo Posto de Saúde.

De acordo com os entrevistados, o sistema de água canalizada e a energia elétrica, presentes hoje no bairro, foram conquistadas graças às reivindicações feitas à Prefeitura Municipal de Picos na década de 1980. Eles relataram que nessa época pegavam água de um poço localizado dentro de uma roça, e a iluminação em suas casas era feita através de velas e lamparinas.

Os moradores fundaram a Associação de Moradores do Bairro Boa Vista, em 1985, com o intuito de possuírem uma entidade representativa para poderem reivindicar ao poder público municipal melhorias urbanas para o bairro, como a abertura de ruas, calçamento e asfaltamento, pois, muitas vezes, essas reivindicações não foram atendidas, porque o bairro, desde a década de 1980, é considerado distante do centro da cidade de Picos. Atualmente a Associação passa por dificuldades para engajar os moradores, muitos consideram que a Associação de Moradores do Bairro Boa Vista perdeu o sentido de mobilização, reivindicação, e que predominam os interesses individuais de seus líderes.

Consideramos a Igreja São João Batista como um *ímã* para o bairro Boa Vista, pois é um local que atrai, reúne, e concentra os moradores. A primeira igreja do bairro foi construída em forma de mutirão pelos moradores, eles se reuniram em torno de um objetivo conjunto, que era o de terem um espaço de oração no bairro. Atualmente essa igreja é utilizada como espaço para reuniões dos grupos e fica ao lado da atual.

Então, diante dos aspectos apresentados podemos perceber que o bairro Boa Vista de *hoje* está ligado com o bairro Boa Vista de *ontem*, e essa ligação contém as práticas cotidianas desses moradores, que construíram a história e memória do bairro Boa Vista.

REFERÊNCIAS

Fontes Orais

CARVALHO, Raimundo Nonato de. Depoimento concedido a Ana Beatriz de Matos. Picos, 26. Set. 2014. e 26. Fev. 2015.

MATOS, Geraldo Joaquim de. Depoimento concedido a Ana Beatriz de Matos. Picos, 11. Dez. 2014.

OLIVEIRA, Antônio Gilberto de. Depoimento concedido a Ana Beatriz de Matos. Picos, 24. Fev. 2015.

PURIFICAÇÃO, Antônia Alves da. Depoimento concedido a Ana Beatriz de Matos. Picos, 08. Jun. 2014.

SANTANA, Paulo Francisco de Moura. Depoimento concedido a Ana Beatriz de Matos. Picos, 27. Fev. 2015.

Bibliografia

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Editora FGV, 2005.

BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. In: **Obras escolhidas**. – vol. III- São Paulo: Brasiliense, 1989.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: **ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CALDART, Roseli Salete. Movimento Sem Terra: **lições de Pedagogia**. Currículo sem fronteiras, v.3, n.1, pp.50-59, jan/jun 2003 ISSN 1645-1384 (online) www.curriculosemfronteiras.org

CARLOS, Ana Fani. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**. O longo Caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CERTEAU, Michel de. Caminhadas pela cidade. In: **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CERTEAU, Michel de. O bairro./ Os fantasmas da cidade./ Espaços privados. In: **A invenção do cotidiano:2. Morar, cozinhar**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4 ed. São Paulo; Ática, 2000.

FREITAS, Sônia Maria de. História Oral: **Possibilidades e Procedimentos**. Editora Humanitas, 2006.

FURTADO, Milton Braga. **Síntese da Economia Brasileira**. 7ª ed. Editora LTC, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, Cidades sensíveis, Cidades imaginárias. **Rev. Bras. His.** , v. 27, n.53 de Junho de 2007. Disponível em [http:// www.scielo.br/scielo](http://www.scielo.br/scielo). Acesso em 24 de abril de 2010.

ROLNIK, Raquel. Definindo a cidade. In: **O que é cidade**. São Paulo: Brasilense, 1995.

SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. Timon: uma cidade sob o reflexo do espelho. In: História, memória e identidade na cidade de Timon na década de 1980. **Dissertação** (Mestrado em História do Brasil) Universidade Federal do Piauí. Teresina: UFPI, 2007.

SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. (org.) **As cidades de Clio**: abordagens históricas sobre o urbano. – Teresina: EDUFPI, 2014.

SOUSA, Maria das Dôres de. Associações de Moradores de Picos-PI na década de 1990: Crise e Práticas Educativas. **Dissertação** (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Piauí. Teresina: UFPI, 2002.

SOUSA, Sara Cristina de. **Igreja Católica, política e moral durante a Ditadura Militar Brasileira (1964-1985)**. Revistas Aulas ISSN 1981-1225 Dossiê Religião N.4- abril 2007/ julho 2007. (org.) Karina K. Belotti e Mairon Escorsi Valério.

Sites

Rio Guaribas, Cadê você? Disponível em: <[http:// www.lettras.mus.br/suely-rodriques.html](http://www.lettras.mus.br/suely-rodriques.html)> Acesso em 12 de dezembro. 2014.

Jornal:

Jornal Voz de Picos. *Passagem das Pedras Reivindica Melhorias*. Ano I-Nº 4 Picos, 18 de março de 1983.

Jornal Voz de Picos. *Prefeito Promete mandar água para Boa Vista*. Ano I-Nº 5 Picos, 21 de março de 1983.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(X) Monografia
() Artigo

Eu, Amo Beatriz de Mota,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação Os Picos de Belo Horizonte que eu vou alcançar! História e memória do bairro Boazista na cidade de Picos-PI (década de 1980).

de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 07 de dezembro de 2015.

Amo Beatriz de Mota
Assinatura